

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

CAROLINE GENRO SOARES

CARTOGRAFIA DA EXPERIÊNCIA: OLHARES DE UMA ATRIZ VIAJANTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como exigência parcial e obrigatória para conclusão do curso de Teatro com ênfase em Licenciatura.

Orientador: Profº Drº Mesac Roberto Silveira Júnior

Porto Alegre/Rio de Janeiro, abril de 2021

Ao meu avô, Clodoídes

Agradecimentos

À minha mãe, Cristina e à minha irmã, Cristhine, por toda força e carinho, pela união apesar da distância;

Ao meu pai, Cladimir, pelo suporte de sempre;

Ao meu padrasto e minha cunhada, Cláudio e Nájila, por terem agregado tanto à família Genro;

À minha avó Dúlvia e minha dinda Deise, por tudo aquilo não consigo pôr em palavras;

Ao Mesac, meu orientador, por todas as ideias e conselhos;

À família Lopes Brizola, por me acolher como filha e irmã;

Às meninas da Leelo, pela parceria diária;

À Bruna, Natasha, Sandro e Ricardo por me ouvirem e sonharmos juntos;

Ao Salomão, por caminhar de mãos dadas comigo;

Às cidades e às ruas que andei, pelas memórias.

RESUMO

Sobre experiências. Sobre lugares, pessoas, sentimentos e sensações. Por meio de diários, conversas, relatos e lembranças, este Trabalho de Conclusão de Curso mostra as duas faces de uma jovem viajante: como professora e como atriz. A primeira experiência em uma escola inovadora dentro da Rocinha no Rio de Janeiro, em que um novo olhar se abre sobre a Educação e suas inúmeras possibilidades; e o segundo relato feito sob os palcos cariocas, onde a realidade de se trabalhar com Teatro no Brasil fica à mostra. Todas as nuances que permeiam uma atriz e professora, que nunca deixa de ser viajante.

Palavras-chave: Viagem; Experiência; Escola Democrática; Teatro.

ABSTRACT

About experiences. About places, people, feelings and sensations. Through diaries, conversations, reports and memories, this Final Course Work shows the two faces of a young traveler: as a teacher and as an actress. The first experience in an innovative school inside Rocinha in Rio de Janeiro, where a new look is opened about Education and its countless possibilities; and the second report made under Rio de Janeiro's stages, where the reality of working with Theater in Brazil is exposed. All the nuances that permeate an actress and teacher, who never stops being a traveler.

Key-words: Travel; Experience; Democratic School; Theater.

SUMÁRIO

Agradecimentos	3
Introdução	6
Pré- relato: O que aconteceu antes da minha partida	8
Relato: A Escola	23
Relato: O Teatro	35
Pós- relato: A Pandemia	43
Referências	51

Introdução

Essa escrita surgiu de uma frustração.

O tema a ser lido nessas páginas surgiu da impossibilidade de eu ter escrito este trabalho antes. Eu estava em meio a pesquisa sobre a Escola Democrática quando soube que, por questões burocráticas, não poderia apresentar. Nesse momento foi como se tudo virasse do avesso, minha formatura atrasaria, meu retorno a Porto Alegre, minha cidade natal, seria adiado e também mais demorado. Assim, eu deixei -por enquanto- de lado minha pesquisa inicial para escrever sobre outra coisa, sobre algo que só compete a mim, mas que tentei ao máximo passar a você, que lê, a sensação: a minha própria experiência.

Tentei aqui colocar em palavras o que eu venho sentindo há alguns anos, desde o momento em que resolvi sair do ninho e morar em uma cidade muito maior que minha amada Porto Alegre, tentei expressar o sentido do que me é caro.

Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos. (Larossa, 2002)

A Licenciatura apareceu para mim antes do Teatro, quando eu ainda cursava História, na Universidade Federal de Santa Maria. E nós não nos gostamos de primeira, as aulas de Educação para mim eram um martírio, tanto que não aprendi muita coisa de fato. Quando resolvi tentar o vestibular mais uma vez, dessa vez para Licenciatura em Teatro, eu sempre dizia “vou fazer para Licenciatura porque é mais fácil de passar, depois troco”. Mas depois que entrei no Departamento de Arte Dramática e o Teatro foi ficando mais intenso na minha vida, eu comecei a gostar da ideia de dar aula, inclusive já tive a experiência no primeiro semestre. Teve uma aula em específico que me fez aceitar de vez o quanto eu gosto da Licenciatura, quando o professor nos apresentou o documentário “Quando Sinto que Já Sei”, da produtora Vekante. O filme mostra escolas que seguem o modelo de ensino inovador em diversas partes do Brasil. Foi quando eu resolvi que ia procurar conhecer mais desse formato, e foi em uma dessas procuras que eu encontrei o Ginásio Experimental de Novas Tecnologias Educacionais André Urani -GENTE- e tive a oportunidade de fazer um dos meus Estágios Obrigatórios, que me trouxe muitas vivências e novas visões sobre a educação e como é possível transformá-la, então eu abro aqui o diário de bordo dessa experiência.

Como eu disse, o Teatro demorou um pouco mais para chegar e permanecer na minha vida. Apesar de ter feito Teatro Circense ainda no Ensino Médio, o Teatro só ficou quando eu resolvi experimentar algumas disciplinas de práticas teatrais enquanto cursava História. Foi durante o primeiro semestre de 2015 que eu me apaixonei de vez por fazer Teatro, pelo ensaio, pelo trabalho, pelo público, e como boa leonina que sou, pelo palco. Como se alguma parte de mim estivesse perdida e eu a reencontrasse. E então foi a segunda vez que minha vida tomava uma reviravolta -a primeira foi quando eu fui estudar na UFSM-, eu voltei para Porto Alegre, tranquei o curso de História enquanto fazia mais uma vez, cursinho pré-vestibular, para finalmente, ser aprovada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E mesmo não sendo a mais exemplar das acadêmicas, e apesar de muitos pesares, eu uni o estudo e o prazer, que antes não faziam sentido juntos.

Nestas páginas está o relato de uma jovem atriz e estudante de Teatro em suas viagens, suas experiências e olhares. Eu, Caroline, ainda tento entender como um Trabalho de Conclusão de Curso sobre esta pessoa que vos fala pode ser interessante, ou no mínimo, acadêmico. Então, antes mesmo de chegar a alguma conclusão sobre isso, eu coloco aqui toda a trajetória que tive de 2017 até o momento presente, torcendo para que faça algum sentido para você também. Além disso, não espere encontrar um final, deixo em aberto as próximas experiências. Por isso te convido a viajar comigo pelas ruas e cidades que passei e o que vivenciei, usando um pouco da História, da Geografia, do Empirismo e óbvio, da Arte.

Vamos?

Pré-relato: O que aconteceu antes da minha partida

Foi no final do feriado de Páscoa em 2017. Eu morava em Porto Alegre e tinha ido a Santa Maria visitar a família durante o feriado. No domingo à noite, na rodoviária, soube que não teria ônibus para Porto Alegre na hora que eu tinha programado, apenas dali a quatro horas. “Tudo bem”, pensei eu, a companhia de ônibus tinha uma sala de espera muito boa, com poltronas confortáveis e sinal de wi-fi. E foi lá que eu esperei as quatro lentas horas para a partida do meu ônibus de volta para casa. Eu estava com computador, não me lembro por qual motivo - afinal, não costumo levar o computador para lugar nenhum-.Eu já tinha ouvido falar da expressão “mobilidade acadêmica”, mas não sabia exatamente como acontecia, nem como fazer. Mas nessa noite de espera eu procurei tudo que precisava saber, os documentos necessários, as universidades possíveis e foi nessa busca que encontrei a Unirio.

Eu só havia ido à cidade maravilhosa uma vez, em 2015, durante a Bienal da UNE com um coletivo do Movimento Estudantil, o qual eu militava. Eu lembro muito da madrugada que cheguei no Rio pela primeira vez. Era em torno das cinco da manhã, todos no ônibus fretado estavam dormindo, e acordamos praticamente todos juntos, passando pela orla de Copacabana, lembro de ver no escuro o mar e o famoso calçadão de pedras portuguesas. Ficamos acampados na UFRJ da Praia Vermelha e íamos ao Shopping Rio Sul com frequência para almoçar. O primeiro luau que eu fui no Rio foi na Praia Vermelha, ao lado do Pão de Açúcar. Nessa Bienal assisti ao show do Alceu Valença no palco montado nos Arcos da Lapa.

Teu coração tá batendo
 Como quem diz
 Não tem jeito!
 O coração dos aflitos
 Pipoca dentro do peito
 O coração dos aflitos
 Pipoca dentro do peito

Eu não conheci tanto o Rio de Janeiro nessa primeira vinda por conta da agenda da Bienal, mas conheci a praia de Copacabana e sua água naturalmente gelada em pleno fevereiro.

Nunca tinha me ocorrido estudar no Rio de Janeiro, eu apenas queria sair de Porto Alegre e a capital fluminense veio a calhar no momento. Eu poderia trabalhar como atriz, estudar Teatro, conhecer pessoas novas, lugares novos, novas experiências. Poderia passar um semestre e

voltar para Porto Alegre para me formar. Eu fazia um curso de Formação de Atores na época, que duraria mais um ano e meio ainda. Esse era o tempo que eu tinha para juntar dinheiro, então. Eu trabalhava também em um bar no bairro Rio Branco, que me rendia um dinheiro bom. Voltei para Porto Alegre nesta noite com todo meu próximo um ano e meio traçado.

2017 foi um ano que eu fiz muita coisa em Porto Alegre. Como se fosse meu ano de despedida da cidade em que eu nasci e fui criada. Depois de tomar a decisão na fatídica noite na rodoviária de Santa Maria, eu trabalhei muito. Era freelancer, então recebia por noite e às vezes chegava a trabalhar de quarta à sábado, das 18h à 1h da manhã e tendo aula no dia seguinte às 8h30 no Departamento de Arte Dramática. Eu precisava cursar as disciplinas obrigatórias o quanto antes, para poder ir para a Unirio e cursar as disciplinas que eu queria com maior tranquilidade, ou seja, minha vida acadêmica nunca foi tão movimentada como no ano de 2017.

“Desvios em Trânsito” é uma performance que já foi feita outras vezes, com variados artistas gaúchos sob a direção de Patrícia Fagundes. No caso da que eu participei, ela fazia parte da disciplina de Fundamentos da Dramaturgia do Encenador. Lembro que organizamos em algumas aulas, com cada aluno-performer trazendo as suas ideias para o que seria apresentado no Largo Glênio Peres. O Largo fica em frente a uma das entradas do Mercado Público de Porto Alegre, um lugar muito importante, que além de ser no centro da cidade, perto da Prefeitura Municipal e abastecer a capital gaúcha com os mais variados produtos, é também um espaço cultural e histórico. E toda a cidade passa por ele.

A intenção da performance era algo que saísse do cotidiano da cidade. Eu estava com um vestido de festa e varria a rua, e cada performer tinha alguma ação naquele espaço, tínhamos também algumas cenas em conjunto, outras em duplas. A rua nos propicia uma experiência de cena bem diferente do que em espaços fechados, porque não esperamos o público que está ali, o que chega e o que já viu o bastante e vai embora. Sabemos que alguém vai ver, mas não sabemos quem, não sabemos quantas pessoas. Lembro de como o público nos olhava, alguns achando graça, outros sem entender nada, outros só olhando. E lembro também de alguns comentários como “e essa aí só varre?”.

A rua é um espaço paradoxal onde se pode ver comportamentos extremos e contradições que o mundo das instituições evita. Portanto, ao

ocupar o espaço da rua o teatro se aproxima a estas tensões, e desta forma se insere em um espaço de relações voláteis. Neste terreno movediço gerar uma abordagem cênica que mobilize os transeuntes de forma a constituir espaços de compartilhamento pode ser considerada uma ação fundamental da cena que toma a cidade. (CARREIRA, 2009)

Ao final do mesmo mês da performance “Desvios em Trânsito”, maio, acontecia o festival Palco Giratório do SESC. O Palco, creio ser um dos melhores festivais que ocorrem no Brasil. Já tive o prazer de assistir peças e participar de oficinas com grupos de todos os cantos do Brasil, e na edição de 2017 foi particularmente especial, pois assisti ao espetáculo “Mar”, do grupo Teatro de Los Andes, do Chile. Depois participei da oficina de criação cênica que o grupo ofereceu. Foi uma oficina rápida, uma semana e acabamos com uma apresentação para poucas pessoas, apenas familiares. Os integrantes da oficina eram artistas das mais variadas experiências, de todas as idades, de grupos diferentes, por isso foi uma oficina tão boa, pela troca. As aulas aconteceram na Casa de Cultura Mário Quintana, importante local de resistência artística no centro da cidade.

Na metade do inverno de 2017 viajei até Palhoça, região metropolitana de Florianópolis para o casamento da minha irmã, em que eu junto com meu padrasto, seríamos testemunhas no cartório. Por pura coincidência, o casório foi na mesma semana do Orgulho Gay, e nada melhor do que celebrar casando minha irmã e minha cunhada. Eu escrevi um texto no Facebook enquanto estávamos indo para o jantar de comemoração na Lagoa da Conceição:

“Essa foi a semana do Orgulho LGBTQ, domingo tem Parada Livre em Porto Alegre, hoje a Lua tá em Libra, signo do amor, o Sol tá em Câncer, signo que rege a família. Hoje a pessoa mais importante deu um passo muito importante na vida dela, na minha, na da minha mãe. Hoje minha irmã casou com a pessoa que ela ama, uma mulher maravilhosa. Como disse minha mãe, a Thine veio pra Palhoça ficar dois anos, e agora provavelmente não vai mais sair daqui, o amor tem disso, nos tira de casa e nos leva pro mundo pra gente descobrir outras experiências, outras pessoas e outros amores. Em tempos tão obscuros celebrar as cores do arco íris é muita coragem, uma mulher amar outra mulher ainda é tão difícil, e por isso é tão puro e tão genuíno. Que a vida seja sempre maravilhosa pra vocês, mana, porque tu é incrível, e a Nájila é incrível. Tu tem todo meu amor e agora compartilho desse amor com teu amor também. ENFIM CASADAS!”

(Texto da autora, escrito no Facebook em 30 de junho de 2017)

Ao final do primeiro semestre de 2017, para encerrar a já citada disciplina de Fundamentos da Dramaturgia do Encenador, eu, junto com outros quatro colegas apresentamos a cena que chamamos de “Exulansis ou Será que as Estrelas Piscam?” ou apenas “cabaré”. Resolvi falar dessa experiência aqui porque foi muito pessoal, estava trabalhando entre amigos e tínhamos liberdade e intimidade para criarmos juntos. Eu lembro como queríamos falar sobre coisas que faziam sentido só para nós, porque apenas nós tínhamos tido aquela experiência juntos, tanto que escolhemos a palavra “Exulansis”, que, de acordo com “O Dicionário das Tristezas Obscuras”, do artista John Koenig, significa “A tendência de desistir de tentar falar sobre uma determinada experiência porque as pessoas são incapazes de se relacionar com ela.” (KOENIG, 2015). Tínhamos uma pequena coreografia -diga-se de passagem, que para mim foi terrivelmente difícil por conta da sincronia entre corpo e música; aqui vos fala uma autora com vocação nula em termos de ritmo- e cada um escolheu, ou escreveu, um texto de acordo com a sua vontade. Eu queria um texto que remetesse a isso, ao que fazia sentido para mim, portanto, escolhi um trecho de “Luz e Sombra”, do livro *Morangos Mofados*, de Caio Fernando Abreu:

Não, você não me entende. Sei que você não me entende porque não estou sendo suficientemente claro, e por não ser suficientemente claro, além de você não me entender, não conseguirei dar ordem a nada disso. Portanto não haverá sentido, portanto não haverá depois. Antes que me faça entender, se é que conseguirei, queria pelo menos que você compreendesse antes, antes de qualquer palavra, apague tudo, faz de conta que começamos agora, neste segundo e nesta próxima frase que direi. Assim: é um terrível esforço para mim. Se permanecer aqui, parado nesta janela, estou certo que acontecerá alguma coisa grave - e quando digo grave quero dizer morte, loucura, que parecem leves assim ditas. Preciso de algo que me tire desta janela e logo após, ainda, do depois. Querer um sentido me leva a querer um depois, os dois vêm juntos, se é que você me entende.

(ABREU, Caio Fernando, 1982, p. 65)

Apresentamos nosso cabaré no dia 1º de agosto de 2017, no Teatro Alziro Azevedo, dentro de um compilado de cenas que foram criadas no semestre e apresentado para poucos convidados. Foi um final de semestre que emendei com uma viagem para Garopaba com dois amigos. Lembro que durante todo o período descrito ao longo desta escrita, morar em Porto Alegre não fazia sentido para mim, eram nessas experiências bem pontuais que eu via a razão de estar onde estava e fazer o que fazia.

Foi a primeira vez que viajamos juntos, eu, Ricardo e Sandro, meus colegas de faculdade que trago até hoje. Chegamos na rodoviária no estado vizinho na madrugada, nós três e um outro passageiro, pela hora, não tinha nenhum táxi para nos levar até a pousada. Seguimos a pé, nós e o desconhecido enquanto o dia dava seus primeiros indícios. Era inverno e em Garopaba a praia estava um clima melancólico, que apenas o litoral tem no inverno.

Um único dia conseguimos ir à praia, que o dia estava mais ameno. O caminho exigia que subíssemos e depois descêmos uma lomba absurdamente íngreme. Pensar no caminho de volta nos fez demorar mais que o pretendido na areia. Quando tomamos coragem para o retorno, subindo a ladeira, passou por nós um carro, já lotado com os surfistas indo embora, e entre eles aquele passageiro que nos acompanhou na madrugada no dia que chegamos. Nos ofereceu carona nesse trajeto sofrido, e nós, infringindo leis de trânsito e segurança, aceitamos. Lembro do aperto do carro entre homens desconhecidos, mochilas de praia e pranchas. Me recordo também do alívio e do riso solto que tivemos ao descer do carro.

Um dia resolvemos ir até a Praia do Rosa, nesse dia chovia tanto que só pensávamos na escolha errada que fizemos. Mas fomos. Desembarcamos no Rosa e seguimos até um mini mercado que estava aberto entre todas as pequenas lojas do “centrinho” fechadas. Não tínhamos muito o que fazer, a não ser esperar passar a chuva para fazer o que quer que fosse. Nos sentamos na varanda do mini mercado e ficamos conversando com um morador que prontamente nos ofereceu uma carona até a praia, para conhecermos. Nós, já experientes em carona com estranhos, recusamos educadamente. Ele seguiu o seu caminho, e como em todas nossas andanças pela região de Garopaba, conhecemos outro morador no caminho, que também se ofereceu para nos acompanhar até a praia, e que por coincidência, tinha o mesmo nome daquele outro morador que conhecemos no mini mercado. Caminhamos os quatro até a praia, ventava tanto e a impressão que tínhamos era de que na beira da praia estava ainda mais frio. Mas permanecemos. Subimos na casinha do salva-vidas, que estava fechada por ser baixa temporada. E lá ficamos um tempo, conversando, rindo, olhando a areia vazia, o mar, que naquele momento, era só nosso.

Voltamos de Garopaba na véspera do meu aniversário de 23 anos. Fiz uma janta em casa para 10 pessoas. Foi o último ano que reuni alguns amigos para comemorar meu novo ciclo. Não

escrevo isso com tristeza de forma nenhuma, apenas nostálgica, já que os dois aniversários seguintes foram distantes de família e amigos. Possivelmente o próximo também vá ser.

Morei no mesmo lugar em Porto Alegre desde o meu nascimento, no bairro Jardim Itu Sabará, ao lado do conhecido SESC Campestre. O apartamento de dois quartos no nono andar de um dos vários prédios iguais na Rua Doutor Otávio Santos sempre foi lugar de receber visitas. Tenho inúmeros flashes de várias ocasiões em que a casa estava cheia, fossem amigos ou familiares. Durante muitos anos minha mãe trabalhava em casa como manicure; o salão de beleza na sala de casa, então a campainha tocava muitas vezes por dia, ou o interfone, ou então o barulho de pessoas (principalmente mulheres) entrando em casa e cumprimentando minha mãe é algo que ainda consigo visualizar. Consigo ouvir as conversas, de longe. Nossa casa também era pouso na capital de parentes que vinham do interior, primos de sabe-se lá qual grau, filhas de sabe-se lá qual tio-avô, colchões espalhados pela casa toda.

Assim como eu nasci e fui criada no mesmo apartamento, assim foi também com meus vizinhos, que regulavam de idade comigo e que mantenho contato até hoje. Como as clientes da minha mãe que entravam e saíam de casa, os meus vizinhos-amigos também. Eu nunca morei em casa, mas creio que deve ser uma criação diferente, os meus amigos sempre estiveram à andares de distância, conhecíamos a família e os lares uns dos outros.

No nosso apartamento, desde a separação dos meus pais quando eu tinha oito anos, morávamos em três mulheres -eu, minha mãe, e minha irmã-, e foi assim durante anos. Minha irmã sempre teve tanta autoridade em casa quanto minha mãe, as duas eram responsáveis tanto pelas contas quanto por mim e por causa delas eu tive uma criação muito privilegiada, sempre estudei em escola pública, mas nunca nada me faltou, em termos de material e também de afeto.

Para manter a tradição da casa sempre cheia, meu aniversário de 23 anos foi assim também. Meu padrasto e minha mãe se encarregaram dos comes e bebes com muito carinho e eu pude receber meus amigos tão queridos na sala de casa, sob a luz baixa, o som e o conforto da casa que sempre esteve aberta a receber os que nos eram caros.

No segundo semestre de 2017 eu ensaiei duas peças simultaneamente, as duas seriam apresentadas em dezembro, uma seguida da outra. A primeira foi a peça de conclusão de

módulo do curso profissionalizante que eu fazia na época, *A Cidade do Herói*, sob a direção de Desirée Pessoa, uma adaptação da obra de Dias Gomes *O Berço do Herói*. Eu dividia as duas personagens femininas principais, a Viúva Porcina e a Mocinha com uma colega de elenco. Lembro da minha relutância em montar esse texto por já ser uma peça tão conhecida e montada inúmeras vezes. Minha vontade era montar um novo texto, de um autor contemporâneo, dessas novas escrituras que pedem para serem montadas -sem jamais desmerecer o dramaturgo, que teve papel fundamental na história do teatro brasileiro-. Mas como éramos uma turma de seis pessoas e eu fui a única a dar o contraponto e bater de frente com a direção, fui vencida. A minha postura de não aceitação se alongou até o fim do processo, em diversos outros parâmetros, como o lugar de apresentação, concepção da luz e o valor dos ingressos. Tanto que depois de apresentadas todas as oito sessões da peça em dezembro, eu solicitei o meu desligamento do curso. E assim foi.

A segunda peça foi uma montagem dentro da disciplina de Dramaturgia do Encenador, sob a orientação de Inês Marocco. Meu grupo era formado por 7 atrizes e um ator. Escolhemos o texto *Ninguém Falou que Seria Fácil*, de Felipe Rocha. O texto contemporâneo que eu tanto queria montar. Esse processo foi muito prazeroso, sem uma figura de direção, a concepção da montagem foi criada em conjunto. O figurino, baseado na montagem original com atuação do próprio autor, era composto de blusa branca e um short colorido; usávamos pochetes com os nossos acessórios de cena: um pente, uma chupeta. Era um espetáculo divertido de fazer, com artistas que eu já admirava por conta de trabalhos anteriores que eu tive o prazer de assistir. Foi uma troca incrível. Apresentamos a peça no dia 20 de dezembro de 2017 na sala Alziro Azevedo. Dia 21 eu embarquei para Brasília, para encontrar minha família paterna e seguirmos viagem.

Depois de uma viagem de nove horas, aterrissamos em terras portuguesas. Chegamos em Lisboa e já tomamos o rumo de Coimbra, cidade universitária a aproximadamente 200 km da capital. Era em torno das 7 horas da manhã quando desembarcamos e fazia 9º, pegamos a estrada com neblina, um caminho que já me encantou de início. Minha primeira viagem internacional -e até agora única-, cada paisagem, cada rota e momento era novidade, era curioso.

Meu avós são muito religiosos, por conta disso fomos passar o natal na cidade de Fátima para acompanhar a Missa do Galo lá. Essa viagem exigiu um cuidado muito grande com meu avô,

que já estava na cadeira de rodas e no início de um quadro de Alzheimer, mas como ele sempre amou viajar, não seria por isso que ele deixaria de ir. Fátima é uma cidade absurdamente tranquila, ceiamos no hotel -uma ceia incrível, diga-se de passagem-, assistimos à Missa, passeamos por Fátima e no ano novo embarcamos para Roma passar a virada de ano.

Eu cursei um ano e meio de História antes de entrar para o curso de Teatro, então estar em Roma me lembrou todos os motivos que fez da História minha primeira opção de curso. A cada passeio pela cidade passamos por inúmeros monumentos que datam da Antiguidade, e pensar que pisei no mesmo solo que personalidades históricas importantíssimas me arrepia até a alma. O velho mundo tem esse poder. Tive o prazer de ouvir uma explanação do Papa Francisco no Vaticano, em que meu avô, no auge dos seus 85 anos, encheu os olhos de lágrimas. Andamos pelo Coliseu e me senti tão pequena diante da imensidão daquela arena, visitei o Panteão e a Fontana de Trevi, entramos na Basílica de San Pietro e pude ver de perto a Pietà de Michelangelo. Viramos o ano de 2017 para 2018 em uma grande comemoração no Circus Maximus.



(A autora e família no Vaticano, janeiro de 2018, da esquerda para a direita: a autora, o avô, Clodoídes; a madrinha, Deise; a prima, Natália; a tia, Denise e a avó, Dúlvia)

Voltamos para Portugal depois de 5 dias em Roma, visitamos Óbidos, uma pequena cidade medieval, vimos um castelo e caminhamos pela pequena vila que tem na volta. Experimentamos a comida e a bebida, entramos em lojinhas e compramos souvenirs, tudo o que turistas fazem. Nossa “base” sempre foi Coimbra, foi onde conheci brasileiros, fiz amigos e frequentei bares e baladas locais. Fomos à Porto, onde conhecemos uma vinícola e não podíamos deixar de fazer uma degustação do famoso vinho português, que faz jus à fama. Fui à Figueira da Foz com a minha madrinha, onde pela primeira vez entrei e joguei em um cassino.

Dia 10 de janeiro embarcamos para Amsterdã, eu, minha prima Natália e minha madrinha, Deise. Como comprei minha passagem com muita antecedência, meu voo já estava lotado e eu fui sozinha, as duas chegariam algumas horas depois. Cheguei no aeroporto de Amsterdã Schiphol, lembro de como achei incrível aquele aeroporto todo iluminado. Depois de muito pensar se iria para o hotel sozinha ou se esperaria em torno de 4 horas no aeroporto, resolvi pegar um táxi e ir. Sem falar muito bem inglês -o suficiente para me comunicar e fazer entender- e não ter noção da relação distância X valor de corrida, peguei o primeiro táxi que vi, que me cobrou em torno de 50 euros para ir até meu pouso. Aceitei. No caminho, o motorista entrou em assuntos um tanto quanto estranhos, como por exemplo com quem eu estaria na cidade, se fumava e bebia, se tinha namorado. Foi a única vez que tive medo durante toda a viagem. Eu estava sozinha em uma cidade em um outro país, outro continente, meu celular não tinha nenhum sinal, eu não sabia o caminho e não fazia nem ideia para onde estava indo. Eu gelei. Não sei quanto tempo levou essa corrida, creio que uns 30 minutos, mas lembro de parecer uma eternidade. Quando finalmente chegamos no hotel eu prontamente abri a porta do carro, já com o dinheiro da corrida na mão, foi quando o motorista me perguntou se eu não queria sair com ele; eu, muito assustada e agradecendo a Deus por ter chegado no hotel, agradei e dei tchau. Não importa o país, a educação, cultura que for, a mulher sozinha é sempre uma presa para os homens. Não é possível para nós, viajar e conhecer novos lugares pois sempre terá um homem que nos provocará medo.

Cheguei no quarto do hotel -um hotel bem pequeno, com uma arquitetura um tanto diferenciada-, larguei minha bagagem e saí pra caminhar. Lembro de ir ao mercado, passei por algumas lojas, os famosos Coffee Shops, lojas de doces com tudo o que se possa imaginar. No dia seguinte, já com a minha madrinha e minha prima, pegamos o chamado “Hop-on Hop-off”,

um tipo de ônibus turístico, mas por ser Amsterdã e com todos seus canais também está incluído o trajeto de barco. Nossa primeira parada foi o Rijksmuseum, que, assim como a maioria dos pontos turísticos, tinha uma fila quilométrica para entrar, mas consegui a foto tradicional do letreiro “I Amsterdam”. Conhecemos o VondelPark, exploramos mil e uma lojinhas, andamos no bonde que corta a cidade toda, fomos na Albert Cuyp Market, uma feira a céu aberto, e ao *Red Light District*. Visitamos a Casa de Anne Frank, subi as escadas do sótão, vi por dentro a casa que abrigou uma família de judeus na Segunda Guerra Mundial, e é incrível como a História permanece viva em cada parede, cada degrau, cada porta que adentra um cômodo que por sua vez adentra outro cômodo. A sensação de ver com os próprios olhos, nenhum livro é capaz de nos dar. Ficamos quatro dias em Amsterdã, acordávamos cedo e voltávamos tarde. Caminhamos muito. Comemos demais, tiramos fotos, fizemos compras, nos enrolamos no inglês, Hoje vendo as fotos de Amsterdã eu tenho certeza que é uma cidade que morro de vontade de voltar.



(A autora em um dos canais de Amsterdã, janeiro de 2018)

Depois de quatro rápidos dias, embarcamos para Paris, dessa vez apenas eu e minha madrinha, minha prima voltou para Portugal. A vontade de conhecer Paris era mais minha do

que de qualquer uma de nós, tinha sido minha ideia ir para a França porque sei lá qual motivo, eu resolvi começar o curso de francês no ano anterior visando isso, viajar. E essa viagem me surgiu em setembro, um convite inesperado. Chegamos já era noite, então fomos direto para o hotel nos alimentarmos e preparar para de fato, o primeiro dia em Paris.

Ficamos hospedadas no 5º *arrondissement*, o conhecido Quartier Latin, um hotel perto do Jardim de Luxemburgo. Saímos para caminhar logo cedo, passamos pela Sorbonne e chegamos até a Catedral de Notre Dame, onde fizemos muitas e muitas fotos. Hoje, mais de dois anos após o incêndio que tomou uma parte da Catedral de Notre Dame, sei o quão sortuda eu fui por ter tido a oportunidade de ver a Catedral de perto. Lembro que naquele dia chovia bastante e fazia muito frio, a cidade estava nublada, mas mesmo assim eu fiquei encantada, cada esquina que passávamos era como se eu estivesse nas nuvens, como uma criança mesmo. Saímos da Praça João XXIII, passamos por cima do rio Sena e seguimos até o Louvre, onde, pela milésima vez, como em todos os nossos destinos, havia uma fila enorme para entrar, e outra maior ainda para comprar o ingresso. Eu e minha dinda resolvemos não comprar o ingresso porque queríamos ainda conhecer outros lugares e só teríamos dois dias de passeio. Andamos pelo Louvre e literalmente nos perdemos em meio às paredes do museu. Ficamos um bom tempo procurando pela saída. Depois de finalmente encontrarmos a saída partimos para pegar o ônibus que nos deixaria próximo da Torre Eiffel. E esse momento de espera do ônibus foi terrível, pois ficamos ensopadas por conta da chuvarada, fazia tanto vento que senti o pior frio de que me lembro. Mas quando chegamos na Torre Eiffel vi que passar por aquele frio era até aceitável para vê-la de perto. O inverno não é a estação mais turística da cidade, e vimos bem o porquê. A Torre Eiffel estava toda cercada por conta de obras, a chuva fez milhares de poças que dificultava caminhar em torno. Mas pra mim estava tudo bem, o passeio estava sendo lindo de qualquer forma. Almoçamos em um restaurante por perto e caminhamos pelas lojinhas, mais tarde passamos pelo Arco do Triunfo e pela Champs-Élysées, onde eu comprei um perfume que tenho até hoje, mais por apego do que por uso. Nessa noite ficamos no hotel porque o frio nos cansou o dia inteiro. No segundo e último dia em Paris logo cedo pegamos o metrô para Les Lilas, uma comunidade francesa, como se fosse a região metropolitana de Paris, para visitar uma amiga de longa data. Nessa noite pegamos um ônibus intermunicipal para a cidade de Beauvais, onde pegaríamos o avião cedo na manhã seguinte. Ficamos a última noite em uma pousada muito aconchegante, o homem que nos recebeu era o próprio dono do estabelecimento que contava com apenas três quartos e um café da manhã muito típico de família francesa. Voamos de volta para Portugal para aproveitar o final da viagem em Lisboa, onde passamos os três últimos dias fazendo compras,

conhecendo lugares como a Torre de Belém, o Monumento ao Descobrimento, a Fábrica do Pastel de Belém - e é verdade que nenhum outro pastel de nata é tão bom quanto o feito na Fábrica-. No último dia em Portugal saímos cedo para o aeroporto, eu, minha madrinha e meus avós. Quero elucidar aqui que citei a palavra “compras” muitas vezes ao longo deste trecho não foi por nada; voltamos de viagem com o dobro de malas que chegamos, tantas eram as lembrancinhas e souvenirs. Me despedi da Europa com a vontade de voltar, como sempre acontece nas minhas viagens, eu sempre acho que não aproveitei o suficiente, mas no fim das contas, eu aproveitei tudo que pude.

Voltei para o Brasil com a próxima viagem já marcada: Rio de Janeiro. Lembro que cheguei no Aeroporto do Galeão e o motorista do carro que estava me levando para Copacabana falou sobre os perigos da cidade, principalmente para quem era de fora e mais ainda naquela época do ano, o Carnaval. Provavelmente eu precisaria de um capítulo para falar só do Carnaval de 2018, mas irei tentar resumir.

O Rio tem esse poder de nos encantar no simples ato de caminhar pela rua. Um antigo professor na História disse em aula uma vez que em alguns lugares temos que caminhar olhando para cima, e esse é o caso do Rio de Janeiro, que mistura a arquitetura da época do Império e a mais moderna. A Rua no Rio de Janeiro é como um ser vivo, como disse João do Rio (1908):

Oh! Sim, as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, spleenéticas, snobs, ruas aristocráticas, ruas amorosas, ruas covardes, que ficam sem pinga de sangue...

Meus dois amigos, Ricardo e Sandro, já estavam há 10 dias no apartamento que alugamos na Nossa Senhora de Copacabana. Copacabana tem um estilo muito próprio, todo o glamour do calçadão, com o Morro Dois Irmãos visto ao longe, o trânsito terrível, os transeuntes mais diversos, idosos e jovens, estudantes, trabalhadores, turistas brasileiros e estrangeiros, muitos e muitos “botecos” - e não importa a hora, sempre vai ter alguém sentado tomando a sua “gelada”-. Moradores de rua, mais do que qualquer lugar que eu tenha visto. Segundo o censo feito pela prefeitura do Rio em outubro de 2020, existem 7.272 pessoas em situação de rua, o

que se agravou com a pandemia. Segundo Sônia Ambrozino “Essas pessoas são tratadas como se fossem supérfluas, pois o lugar que lhes cabe na sociedade é marcado pelo desdém, exatamente porque não carregam competências concebidas como úteis.” O Rio de Janeiro tem um contraste gritante, entre as classes mais necessitadas e as mais abastadas dividindo o mesmo espaço físico, de um lado a comunidade, de outro os prédios de luxo.

Apesar desse aspecto tão forte da cidade, o Rio de Janeiro é apaixonante. Ficamos em um apartamento de um quarto e com uma cozinha que não cabiam nem duas pessoas dentro. Íamos para praia todo dia, sem hora pra ir ou voltar. Conhecemos a Pedra do Sal e a sua roda de samba em plena segunda-feira, experimentamos a famosa cachaça de Jambu do Bar da Cachaça na Lapa, íamos dançar e curtir Jazz no Beco das Artes, no Centro da cidade. Depois de dez dias, mudamos de lugar e fomos parar em um apartamento de dois quartos na barulhenta Barata Ribeiro quando mais duas amigas se juntaram a nós, Bruna e Natasha. Foi então que nosso carnaval ficou completo. Curtimos inúmeros blocos, como o Minha Luz é de LED e Sereias da Guanabara, Amigos da Onça e Tecnobloco -o bloco secreto que só divulga a saída na madrugada-. Como diz a música de Evandro Rodrigues, Baianidade Nagô, que embala os blocos do Rio:

Eu queria
Que essa fantasia fosse eterna
Quem sabe um dia a paz
Vence a guerra
E viver será só festejar

Conhecemos muitas e muitas pessoas, assistimos peças, vimos famosos pelas ruas, nos perdemos e nos encontramos pelas ruas da zona sul e central carioca. Foi correndo atrás dos blocos que conhecemos a cidade e assim descobrimos porque tantas pessoas se mudam para o Rio e não voltam mais. Se apaixonam.



(A autora e seus amigos no último dia de carnaval em 2018, Aterro do Flamengo. Da esquerda para a direita: a autora, Sandro Aliprandini, Natasha Villar, Ricardo Meine e Bruna Avila)

Eu voltei para Porto Alegre no dia seguinte a uma chuvarada que fez parar o Rio De Janeiro, o caos se instaurou em cada canto da cidade. E eu cheguei em Porto Alegre como se tivesse deixado algo na Cidade Maravilhosa.

A vida foi retomando seu normal aos poucos, voltei a trabalhar no bar que trabalhei durante todo o ano de 2017 e criei um certo vínculo e círculo de amigos na noite Porto Alegrense, pessoas que já se conheciam de outros bares, de outras festas, a Cidade Baixa, o Bambus e a Casa de Teatro eram lugares certos pra mim. E assim eu fui como garçõete e hostess, trabalhando um tanto e me divertindo outro tanto. Sempre pensando na minha mudança para o Rio de Janeiro. Em meados de abril fui convidada para ser uma das protagonistas do curta “Abismo”, sob direção de Lucas dos Reis. Um trabalho ainda amador mas cheio de profissionalismo, tanto que disputamos no Festival de Cinema de Gramado.

O ano de 2018 foi um ano de viagens. Nas férias de julho eu fui para Maceió e Maragogi com a família, meu avô com sinais cada vez mais fortes do Alzheimer, que o acompanha até o hoje. Foi também a primeira vez da minha irmã no nordeste brasileiro, minha madrinha empolgada em conhecer Maragogi e eu por minha vez empolgada com tudo, como boa parceira de viagem que sou.

Eu havia feito o pedido de Mobilidade Acadêmica para a Unirio em maio, em junho eu recebi o e-mail com a carta de aceite. Foi a primeira confirmação da mudança. De fato, eu iria para o Rio de Janeiro morar em princípio por 6 meses, com possibilidade de prolongar por até um ano e meio. Mas acontece que ninguém vai para o Rio de Janeiro e fica apenas 6 meses.

Em agosto fiz minha mudança. Desembarquei no aeroporto Santos Dumont, com três malas; que incluíam desde roupas até panelas e a cachorra de um amiga que já morava no Rio, mas ainda não tinha trazido sua companheira peluda. Aterrissei no Rio de Janeiro com a mesma sensação que tenho até hoje quando faço o itinerário POA-SDU, vendo de cima o verde da cidade que se mistura com o concreto, meus olhos marejando ao sobrevoar a Baía de Guanabara. Aquela sensação de pertencimento, como se tudo o que foi feito até então se encaminhasse para que eu estivesse naquele lugar. Onde eu escolhi permanecer.

[...] mas acabamos ficando no Rio e tudo foi se acertando aos poucos. Eu não concebo outro lugar pra morar que não seja o Rio, apesar de tudo que fazem para acabar com ele, notadamente os cariocas mesmo. Mas só é possível morar, morar mesmo, no Rio.”

João Ubaldo Ribeiro, trecho de “A Casa dos Budas Ditosos”.

Relato: A Escola

O diário de bordo

9 de abril de 2019, Copacabana

“Eu deveria ter começado meu estágio na Escola Municipal André Urani dia 9 de abril, mas por conta de uma chuvarada na noite do dia 8, a escola não funcionou no dia seguinte. A escola é de difícil acesso, fica dentro da favela da Rocinha. A chuva deixou 10 mortos no Rio de Janeiro, inúmeros lugares ficaram alagados, o departamento de Cenografia da Unirio teve perda total dos equipamentos eletrônicos. A cidade só começou a voltar ao normal dias depois, e mesmo assim segue em estado de alerta. É sempre assim quando chove forte no Rio de Janeiro. Por fim, meu primeiro dia foi dia 11, quinta-feira.

Eu não me lembrava dessa chuvarada no primeiro dia de estágio, foi um tanto dolorido reler. Esse ano aconteceu de novo, como sempre acontece no Rio de Janeiro.

O Ginásio Experimental de Novas Tecnologias Educacionais, o GENTE, fica no início da favela da Rocinha, a maior comunidade do Rio de Janeiro, na Estrada da Gávea. O ônibus que eu pegava me deixava na esquina, eu subia uma ladeira e chegava na escola. O colégio que é onde, muitos anos atrás, era um clube particular, com piscina, quadra de esportes, prédio de dois andares, tudo muito novo e moderno. O clube foi “tomado” por Nem, o chefe da Rocinha, que fez dele um lugar para amigos da comunidade. Em 2011 Nem da Rocinha foi preso por conta da instalação da UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) durante o governo de Sérgio Cabral. Foi em 2012 que a prefeitura transformou o clube em escola, com um modelo de ensino ainda experimental.

Começo essa escrita no quinto dia de quarentena por conta da situação em que se encontra o Brasil, a pandemia de Coronavírus. Nesse momento uma “briga” se trava entre o Presidente e o Governador do Rio de Janeiro por causa do fechamento dos aeroportos cariocas. O Presidente parece não ter noção da gravidade.

11 de abril de 2019, Copacabana

“Cheguei à escola às 8h30, uma hora antes do início da aula para conversar com os dois professores de Teatro, P. e W. P. é formado em Direção Teatral pela UFRJ, W. é formado em Licenciatura em Teatro pela Unirio. Conversei com os dois juntos e separadamente. Os

planos de aula dos dois são completamente diferentes. Eles me explicaram a dinâmica da escola, que é mais ou menos assim: a escola tem 240 alunos, divididos em G1 e G2, cada Grupo com 120 alunos. Dentro desses 120 alunos são divididos as famílias, com 20 alunos subdivididos em grupos de 6, de variadas séries e idades. Cada família tem um professor mentor. Todas as disciplinas têm 2 professores, um para o G1 e o outro para o G2. Duas vezes na semana os alunos têm os dois primeiros períodos chamados “Mentoria”, que é o momento em que eles se reúnem com o professor mentor e podem fazer o que acham que estão precisando, como trabalhos, estudos, já que é o momento em que eles têm acesso livre aos computadores. G1 e G2 é um formato para organização dos laboratórios(que são as disciplinas “tradicionais”), tem ainda o G3, que consiste nas aulas de Artes, Educação Física e Inglês. A escola escolhe um tema para ser trabalhado ao longo do ano. O tema do ano de 2019 é “Africanidades”. Ainda estou entendendo o sistema da escola, mas é mais ou menos assim. Voltando aos professores. P. tem uma visão mais profissional, de preparar os alunos para as provas, para ingressar numa universidade, por isso dá aulas teóricas, apresentação de trabalhos e quando possível, aula prática. Já W. vê as aulas por um lado mais filosófico, aulas muito práticas, com muitos jogos e cenas. Por questão de horário, vou passar mais tempo nas aulas com o P., mas creio que vai ser muito interessante, porque é um modelo de aula bem diferente do que o que eu venho pensando de uma aula de teatro na escola.”

A ideia de pesquisar esse modelo de ensino surgiu ao assistir o documentário “Quando Sinto que já Sei” (2014), que aborda escolas inovadoras (inclusive o GENTE) e os educadores-idealizadores por vários estados brasileiros e mostra que sim, é possível fazer uma educação diferente. Esse modelo vinha sendo meu objeto de estudo durante o ano de 2019, por isso escolhi o GENTE para fazer meu estágio obrigatório. Essa escola segue o modelo de ensino mais inovador, em que o aluno tem maior autonomia perante seus estudos. Essa via de ensino entende o aluno como indivíduo, que vem de um determinado lugar com determinadas experiências. Uma escola nesse modelo, no Rio de Janeiro, é diferente de uma escola no mesmo modelo no Rio Grande do Sul, por exemplo, porque cada cultura é única e o ensino deve ser adaptado ao momento e situação. Algumas escolas inovadoras usam a tecnologia como base da educação, como é o caso do GENTE, outras usam o meio ambiente como meio pedagógico, como é o caso do Instituto Pandavas, em Monteiro Lobato.

O mais conhecido exemplo de Gestão Democrática é a Escola da Ponte, idealizada por José Pacheco, em Portugal, que tem no Brasil o Projeto Âncora, idêntica à primeira. A Escola da Ponte tem um projeto pedagógico, que conta com as diretrizes desse modelo e se refere tanto

aos educadores, quanto aos educandos e a comunidade. O item número 10 no que se refere a alunos e currículo consta:

Prestar atenção ao aluno tal qual ele é; reconhecê-lo no que o torna único e irrepetível, recebendo-o na sua complexidade; tentar descobrir e valorizar a cultura de que é portador; ajudá-lo a descobrir-se e a ser ele próprio em equilibrada interação com os outros - são atitudes fundadoras do ato educativo e as únicas verdadeiramente indutoras da necessidade e do desejo de aprendizagem. (Projeto Educativo Escola da Ponte, Ministério da Educação e Ciência. Portugal.)

A Gestão Democrática, seja no Brasil ou em Portugal, visa o aluno como protagonista da sua própria educação -e porque não falar também, da própria vida, mas sem deixar de lado o papel da comunidade escolar- que abrange os pais, funcionários e a própria cidade- tem nessa formação.

12 de abril de 2019, Copacabana

“No segundo dia de aula cheguei às 9h30 na escola, horário em que começa a aula. É muito bom chegar lá, todos os professores me cumprimentam pelo nome, a sala dos professores é um lugar agradável de ficar e eu me sinto muito bem vinda. Perguntei ao P. se eles recebem muitos estagiários, e ele me disse que não, que inclusive eu sou a primeira estagiária a acompanhá-lo. Nesse dia, assim como no anterior, as turmas estavam em dias de avaliação do primeiro bimestre, que consistia em apresentar um trabalho. Uns grupos foram mais desenvolvidos e dedicados do que outros, claro. O professor me inclui muito nas aulas, sempre pergunta o que eu acho de tal coisa, e eu me sinto muito confortável para acrescentar algo. Os alunos também contribuem para que eu me sinta assim. Nesse dia os professores me convidaram para almoçar numa outra sala, então já entendi que existem certas desavenças. Mas nada disso influi no clima da escola ou na sala dos professores. Nesse dia eu fiquei para a aula da tarde também, dessa vez com o professor W., que também fez avaliação, foi apenas uma conversa em roda, em que cada aluno avaliava a si mesmo, ao grupo e aos colegas individualmente, então foi uma avaliação bem demorada e fui obrigada a sair da aula para tomar um café. Os dois professores são jovens, em torno de 30 anos –assim como a maioria dos professores e da equipe da escola-, então eles conseguem se comunicar muito bem com os alunos, tendo em vista que eles usam muitas gírias típicas da favela e da juventude –pegou a visão?-, o alcance entre as duas partes acontece de uma forma bem simples. Os dois professores, como já disse, me deixam muito a vontade para participar da aula, a cadeira que

eu me sento é na roda, não fora dela. Combinei com eles de primeiramente ficar mais assistindo, para depois ajudar a planejar e dar algumas aulas também. Os alunos me pareceram bem felizes com isso, dá pra ver que pra eles é muito interessante ter estagiária –já que a escola não tem muitos-, eles ficam muito curiosos com essa pessoa nova em sala de aula.”

No ano de 2020 eu comecei a escrever esse Trabalho neste formato, e eu tinha excluído vários dias de diário de bordo, como esse último dia citado. Revendo agora, lendo mais uma vez esse diário eu não entendo porque, quase um ano atrás eu escolhi não citar alguns relatos. Provavelmente um auto julgamento de uma pessoa que eu era em 2019 quando fiz o estágio e escrevi o diário, diferente da pessoa que leu esse relato em 2020 em meio a uma quarentena, e mais diferente ainda da pessoa que lê esse trabalho hoje, em 2021 no período pós quarentena mas ainda em pandemia e tudo o que permeia a vida no momento que estamos vivendo.

15 de abril de 2019, Copacabana

“Hoje conheci uma turma de sétimo ano, que segundo o P. é uma turma difícil em termos de comportamento. Eles foram muito mal na primeira avaliação, então hoje o professor deu um trabalho sobre máscaras gregas para que eles tivessem um ponto a mais. O sétimo ano é o primeiro ano dos alunos na escola, que vai só até o nono ano. Então é o ano em que eles ainda estão aprendendo a dinâmica da escola, estão começando a perceber que a aprendizagem depende também deles e que eles têm uma autonomia maior nesse modelo de escola. Mas o professor lida com essa turma da melhor forma que ele pode, percebo dedicação e muito gosto em ensinar. Depois do almoço na escola hoje fui direto pra aula na Unirio. São dois ônibus e leva em torno de 1 hora. É muito libertador estar conhecendo o Rio de Janeiro da mesma forma que eu conheço Porto Alegre. Sensação de pertencimento à cidade.

É maravilhoso estar revisitando esse diário e lembrando de coisas que estavam guardadas em algum cantinho de mim, intocadas, como essa sensação de pertencimento à cidade. Outro dia conversando com minha prima Natália, que atualmente está estudando em Portugal, mas voltou para casa, em Brasília por conta da pandemia, ela me perguntou “mas você não vai pra casa? Para Porto Alegre ver sua família?” e eu pensei, pensei e disse exatamente “não vou, Nati, minha casa é aqui”. Ainda em uma outra ocasião, conversando com minha amiga Andressa, que veio morar no Rio de Janeiro dois meses antes de mim, ela me disse algo como

“É tão bom saber os nomes das ruas aqui, eu não perco mais. Meu maior medo era esse, de não conhecer a cidade.”, isso aconteceu quando eu disse pra ela que morava entre a Pinheiro Machado e o metrô do Flamengo. É uma sensação que eu nunca tinha sentido em Porto Alegre, porque eu sempre estive lá. Eu só vi que Porto Alegre era tão minha quando saí de lá e me senti perdida aqui, nessa cidade tão maior e tão mais cheia. Apesar de ainda faltar tantos cantos nessa cidade pra conhecer, agora percebo que o Rio de Janeiro é tão meu quanto eu sou dele, um ano e meio depois de me mudar.

17 de abril de 2019, Copacabana

“Neste dia eu conheci a turma do nono ano. É turma única no G3, então é uma turma grande. Eles têm aula no Salão Amarelo, que é, como o nome já diz, um salão bem grande em que as Mentorias acontecem. A turma estava em dia de avaliação, novamente sobre Barroco e Rococó. Um dos grupos, o do Barroco escolheu fazer uma apresentação tradicional, com power point e apresentação oral. O outro fez uma vídeo-aula (que é bem recorrente na escola esse formato de apresentação de trabalho) e logo em seguida apresentou uma cena rápida. Os dois grupos eram muito grandes, não sei até onde pode ser efetivo deixar que a turma se organize em um número assim. No primeiro grupo, por exemplo, a maioria não apresentou, deixou por conta de 3 ou 4 alunas que tinham estudado. Já a cena também foi feita dessa forma, tudo feito no improviso. O professor falou sobre isso, os alunos tiveram duas semanas para fazer os trabalhos e deixaram para última hora. Claro, tem que ser levado em conta que, apesar de estudarem em uma escola inovadora, em que eles aprendem a ser responsáveis com seus estudos, ainda são pré-adolescentes. Percebo que sempre que é necessário o professor dar um sermão, eles sempre escutam atentamente.”

24 de abril de 2019, Copacabana

“Quarta-feira, dia de passeio. Levamos os alunos do nono ano para visitar o Museu de Arte do Rio, que está com uma exposição sobre Samba. Já que o tema da escola esse ano é africanidades, foi bem importante eles irem, viram mais sobre a história do Rio de Janeiro, do povo negro e da origem do Samba, que são tão presentes nessa cidade. Ao final da exposição eles podiam tocar um bumbo, que todos amaram. Depois do MAR fomos até o Mosteiro de São Bento, que é uma igreja estilo barroca. Como eles tinham apresentado um trabalho sobre Barroco na quarta anterior, foi ótimo eles verem com os próprios olhos algo que foi construído a tantos anos e que eles só veem em imagens. Algumas meninas vieram me dizer

que acharam assustador e me perguntaram quanto deveria ser para casar naquela igreja. Maioria dos alunos do nono ano são do meu tamanho, ou maiores do que eu, então eu sempre sou confundida com aluna, como aconteceu no Museu, em que um funcionário pediu para um professor acompanhar os alunos, o P. me pediu pra ir, e o funcionário ficou procurando o responsável até eu dizer que era eu, ele ficou me olhando e pediu desculpa.

Eu nunca tinha ido ao Museu de Arte do Rio, e essa também foi a única vez. Ele fica perto da Zona Portuária do Rio de Janeiro, faz parte da Praça Mauá, sua vista abrange à esquerda o Museu do Amanhã e a Baía de Guanabara, e à direita o Morro da Conceição. O educador nos explicou a importância desse morro para a história da cidade, por ser um dos primeiros morros a ser ocupado no Rio de Janeiro, predominantemente por portugueses que chegavam no porto, e também perto dali, na Pedra do Sal, é onde funcionava o comércio de escravos trazidos da África. Foi na Zona Portuária do Rio de Janeiro que nasceu o Samba.

26 de abril de 2019, Copacabana

“Sexta-feira foi um dia normal. De manhã o P. falou sobre Impressionismo para os alunos do oitavo ano e a tarde o W. leu o primeiro capítulo de A Revolução dos Bichos também com uma turma de oitavo ano. Essa segunda aula foi um tanto quanto cansativa, cada aluno leu um pouco do livro, então estávamos todos ficando com sono. Mas na segunda parte da aula o professor fez um jogo com eles, que já deu uma animada e já começaram a trabalhar os animais no corpo.”

30 de abril de 2019, Copacabana

“Foi dia de COC, conselho de classe. Eu fui para ver como os professores faziam. Pegam nome por nome e vão vendo as notas ruins dos alunos para chegar a uma conclusão de que nota final dar. Foram falados vários casos de alunos específicos e possíveis motivos para as notas ruins, maioria dos casos são problemas familiares, mesmo que a escola seja muito presente na vida deles e das famílias, algumas fogem do “controle”. Foi muito rápido porque os professores já haviam feito o pré-COC, então o Conselho mesmo era apenas para confirmar as notas já pré-estabelecidas. Nesse dia, no intervalo do Conselho fui conversar com o professor W. para ver com ele o que faríamos na aula de sexta, se eu poderia propor algum jogo, ele foi muito generoso e gostou muito da ideia que eu dei para a aula, de fazermos uma paisagem sonora apenas com os animais d’A Revolução dos Bichos, que estamos trabalhando.”

2 de maio de 2019, Copacabana

“Nesse dia o P. continuou a matéria sobre Impressionismo com o oitavo ano. Eu tinha dado uma estudada em casa para poder fazer alguns acréscimos durante a aula. O professor gostou bastante. Normalmente os dias que não fico pra aula a tarde são bem corridos, porque tenho que almoçar na escola e ir direto pra aula na Unirio, que eu sempre acabo chegando um pouco atrasada, a Rocinha é uma parte bem distante da Urca e tenho que pegar dois ônibus.”

Os almoços na escola são uma memória muito boa pra mim. Aqui no Rio, as escolas municipais servem lanche e almoço para os alunos. A comida sempre deliciosa, frutas de sobremesa, o bate papo com os alunos na fila. Durante a pandemia -não sei por quanto tempo exatamente-, os responsáveis iam à escola buscar alimentos, já que muitas vezes era o almoço na escola a melhor e mais completa refeição que os alunos tinham no dia.

3 de maio de 2019, Copacabana

“Continuamos a aula sobre Impressionismo que havíamos começado na semana anterior e o professor me pediu para fazer aqueles comentários sobre a aula que tinha feito na turma do dia anterior. Depois da aula teórica, os alunos fizeram desenhos e pintaram ao estilo impressionista. Como já disse, o P. tem uma pegada bem diferente nas aulas dele. A hora do almoço, nos dias em que eu fico na escola, são sempre ótimas, porque é o momento em que eu posso conversar com professores de outras disciplinas, já que almoçamos juntos na sala da pedagoga. No turno da tarde fui para a aula com o W. Ele fez primeiro uma atividade mais teórica, em que os alunos iam dizendo quais eram as ações de cada animal. Depois, nos últimos vinte minutos de aula o W. disse que eu ia propor um jogo. Fiquei bem nervosa, apesar de ser uma atividade que eu já tenho prática, passar para os alunos foi bem desafiador, mesmo que rápido. Expliquei a paisagem sonora da melhor maneira que pude na hora. Era uma paisagem um pouco diferente do que estou acostumada a fazer, aprendi essa aqui na Unirio, em que os jogadores fazem os sons e os corpos dos animais, criam o ambiente, no caso uma granja, e os outros assistem a tudo, não só escutam. Deu tudo certo, na medida do possível, claro. Os alunos ainda tem muita timidez, então entravam em cena sempre rindo, mas nada inesperado, afinal, são crianças de 12 e 13 anos e isso faz parte. Depois conversei com o professor e ele me disse que gostou muito do jogo, que vamos fazer ainda várias vezes no decorrer do semestre, porque é algo que eles podem trabalhar de inúmeras formas. “

Eu lembro bem do dia que passei esse jogo para eles, tenho até mesmo flashes das cenas, dos alunos fazendo os sons em meio as risadas, se jogando no chão, rolando, andando em quatro apoios, claramente se divertindo. Também lembro de muitos deles fazendo o papel de Sr. Jones com a arma invisível na mão, atirando nos animais. Isso faz parte da brincadeira deles, não por ser algo legal, mas por ser algo que eles estão muito acostumados, uma realidade que faz parte das suas vidas.

6 de maio de 2019, Copacabana

“Na segunda-feira acordei às 7h45, como todos os dias, e tinha uma mensagem no whatsapp do professor P. Dizia que não haveria aula porque na noite anterior tinha tido tiroteio na Rocinha. Eu vi nos jornais mais tarde que a polícia matou um moto-táxi na madrugada do dia 5 para o dia 6 e na manhã de segunda ainda tinha risco de tiros, pois os moto-táxis estavam fazendo um protesto. Na aula de terça o professor me contou que isso é bem comum na escola, a suspensão das aulas por conta de tiros. No ano passado ou retrasado eles chegaram a ficar um mês sem aula por conta da guerra na Rocinha. A realidade no Rio de Janeiro é bem cruel.”

Eu lembro muito desse dia. Lendo agora, me vem muitas coisas para dizer. Mas não consigo por nada em palavras. P. me contou depois quando estava chegando na escola, encontrou os alunos descendo a Estrada da Gávea, foi aí que ele soube o que tinha acontecido. Me contou também, que o professor de Ciências no ano anterior, estava em aula no laboratório quando começou um tiroteio na Rocinha. A escola fica numa rua em que um lado é vista da própria Rocinha, distante -é quando eu via de dentro da favela, o quão grande ela é- e do outro lado é o “miolo” da Rocinha. Pois bem, o laboratório de Ciências é virado para este outro lado, onde as balas conseguem atingir as paredes da escola. Isso foi em 2018, durante meu estágio em 2019, o laboratório ainda estava fechado.

7 de maio de 2019, Copacabana

“Hoje o dia foi normal na medida do possível. Ontem, por conta do tiroteio, os ônibus não estavam subindo a Estrada da Gávea, que é onde tem várias entradas da Rocinha e da própria escola. Hoje eu estranhei que o ônibus estivesse demorando tanto, cheguei meia hora atrasada para a aula. O professor P. me disse que também chegou atrasado, então provavelmente os ônibus alteraram os horários por conta do dia de ontem. A aula foi com uma turma de sétimo ano, uma turma muito boa de trabalho, diga-se de passagem. No final do bimestre passado

eles apresentaram cenas e foram muito bem. Então hoje demos início a matéria do segundo bimestre, Arte na Idade Média. Na próxima terça o professor não estará, então vou dar aula sozinha. Já combinei com ele mais ou menos o que mostrarei, agora fiquei de pesquisar para dar uma aula boa, afinal, será minha primeira aula sozinha em uma escola.”

No dia seguinte ao tiroteio eu estava com uma sensação muito estranha, não sei se medo, preocupação. Cheguei à escola achando que o clima ia, no geral, estar pesado. Mas não, estava tudo muito normal. Foi um assunto falado, mas não com toda a atenção que achei que receberia. Creio que esses acontecimentos são tão normais nas comunidades que todos já aprenderam a lidar. Quem é da comunidade tem uma forma diferente de ver o mundo. Fato. A sociedade, a cidade e até o governo obriga que os vindos da comunidade tenham essa visão. A segregação em Porto Alegre é diferente da do Rio de Janeiro. Na minha percepção, em Porto Alegre, essa divisão é maior, no sentido de separação geográfica e social mesmo. No Rio, algumas ruas constam como Rocinha em algum cadastro, mas em outro consta como Gávea, um bairro nobre. Além da proximidade geográfica tão próxima dos bairros, os morros são organismos vivos, fazem parte da cidade, do turismo e da cultura. Sim, sofrem preconceito, sofrem violência de dentro e de fora.

Aqui tem um hiato. Ficamos dias sem aulas mais uma vez por conta da chuva.

14 de maio de 2019, Copacabana

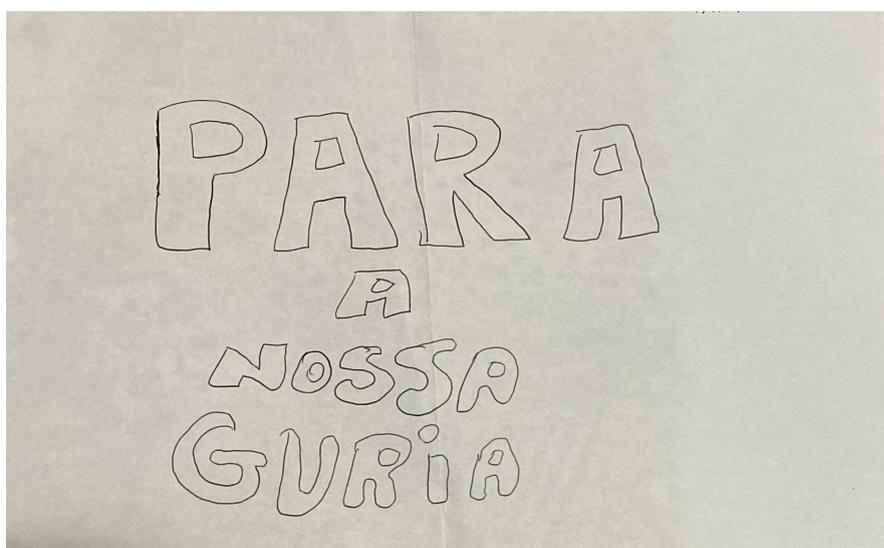
“Dei a aula sozinha para a turma do sétimo ano. Foi bom, na medida do possível, claro. Não pude fazer o que para mim seria o ideal de uma aula de Teatro, pois o P. como disse, tem uma outra pegada. Então planejei a aula com ele. Falei para os alunos sobre o Teatro na Era Medieval, sobre como a Igreja regulava a arte e a vida dos cidadãos, mostrei imagens de como eram as apresentações nessa época. Depois falei com eles sobre os contos de fadas e disse que faríamos um trabalho de cena com essas histórias. Eles pegaram os computadores da escola, separamos em grupos e pesquisaram as histórias. No final da aula eu pretendia fazer um jogo com eles, mas infelizmente não deu tempo. Perguntei o que eles tinham achado da aula, e só ouvi elogios deles, mesmo que eu tenha saído da aula sabendo que não tinha sido boa como eu tinha preparado.”

Acho que toda estudante de qualquer licenciatura passa por esse momento. O ideal de uma aula versus o real. Assim como no palco, temos o público ideal e o real, na escola temos os alunos ideais e os reais. Eu já havia passado por essa sensação de “devia ter feito de tal jeito,

ou falado de tal assunto” lá em 2016, quando entrei na UFRGS e dava aula no Pão dos Pobres. Mas depois de tantos semestres afastada da sala de aula, a sensação foi muito parecida com a que senti quando era caloura. De novo e como sempre o auto julgamento me sabotando.

Eu não sei por qual motivo, mas depois da aula do dia 14 de maio eu parei de escrever o diário de bordo faltando duas semanas para minha aula-prova e último dia de estágio. Talvez os dias tenham seguido sem nenhuma surpresa ou grandes acontecimentos, talvez eu só tenha tido preguiça de escrever. Mas encontrei nos meus documentos o planejamento da aula-prova que fiz, junto com a minha avaliação da aula, o qual coloco aqui ao final.

O último dia de aula foi bem marcante pra mim, eu estava em uma escola que caminha muito de acordo com o que eu penso sobre Educação, sobre a relação aluno-escola-comunidade. Para mim, o GENTE é a escola dos sonhos, porque apesar de todas as dificuldades, a escola tem a liberdade de disponibilizar o ensino em um formato inovador. Eu recebi o carinho da escola, dos funcionários, dos professores e principalmente dos alunos, concluí esse último dia com um cantinho vazio dentro de mim, mas ao mesmo tempo mais completa e feliz de ter tido essa experiência. Recebi abraços e beijos, guardo fotos e até um desenho. Talvez esse encantamento seja coisa de professores principiantes, confesso, mas espero sempre ter essa sensação ao me despedir de uma turma ou de uma escola.



(Desenho feito por uma aluna no dia na última aula de Estágio.)

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Disciplina de Estágio Supervisionado II

2019.1

Prof^a Dr^a Liliane Mundim

Aluna: Caroline Genro

Escola onde se desenvolveu o estágio: GENTE André Urani, na Rocinha.

Professor regente: Luís Felipe Perinei

Turma selecionada para aplicação: 7B

Data e horário previstos: 28 de maio, das 9h30 às 11h10

Local da atividade: Sala de Artes

Plano de aula:

Passei a maior parte do estágio acompanhando as aulas do professor P., por uma simples questão de horário mesmo. O professor tem um estilo de aula completamente diferente da aula que eu esperava, as suas aulas são muito mais teóricas do que práticas. Ele me explicou o porquê dessa escolha, disse que os alunos, em sua maioria, chegam na aula de Teatro achando que é recreação e saem da escola não sabendo praticamente nada de Arte (englobando Teatro, Artes Visuais, Dança), depois que ele notou essa carência, mudou seu estilo de aula, passou a fazer a aula teórica e uma prática teatral baseada na teoria. Eu, como não queria, nem poderia sair muito do conteúdo que ele estava dando, tentei ao menos colocar um pouco mais de prática.

Duração prevista: 1h40

Objetivos Gerais das atividades a serem propostas:

Um breve aquecimento para que eles se deem conta do corpo que habitam e não entrem em cena “moles”; um jogo para simples integração, para que se divirtam juntos, como tem que ser em cena também; por fim, as cenas dos contos de fadas atualizadas para o contexto que vivem, que não pode ser negado. Eles vivem na maior comunidade da América Latina, onde

existe tráfico, violência e preconceito. Nós não podemos simplesmente não falar disso, como traduzir toda essa vivência deles em arte, e assim, quem sabe, fazê-los pensar seu lugar de outra forma.

Descrição do desenvolvimento das atividades:

Tudo o que eu fiz com a turma 7B foi pensando junto com o professor. Eu havia começado a trabalhar com eles o Teatro na Idade Média, e assim surgiram os contos de fadas, em uma aula que dei sozinha antes da prova. Eles formaram grupos, pesquisaram as histórias, cada grupo escolheu uma diferente e pedi a eles que atualizassem essas histórias para sua realidade. Eles prontamente fizeram, sempre se mostraram muito empolgados. O dia da prova seria também o dia da apresentação das cenas das histórias. Antes, eu fiz com eles um aquecimento, muito rápido, baseado em Radiancy, expliquei pra eles que era como se fossem pequenos choques que iam percorrendo o corpo, alguns fizeram, outros fizeram de conta que fizeram. Depois propus a eles o jogo “Casa, Morador e Terremoto”, já que eles não estão habituados a jogar em sala e esse é um jogo que movimenta toda a turma ao mesmo tempo. Eles se divertiram bastante. Depois começamos as cenas. Algumas cenas foram muito boas, outras deixaram a desejar, mas pude perceber que o que um grupo tinha pecado, o outro tinha acertado muito, como no figurino por exemplo, um grupo não tinha nada de figurino, mas as falas tinha sido muito bem ensaiadas, outro tinha um figurino pensado, mas os alunos-atores não sabiam o que dizer. Mas no geral é uma turma muito boa de trabalhar.

Avaliação:

Depois de apresentadas as cenas, conversamos com eles, eu e P. Eles tinham ido muito bem na avaliação final do 1º bimestre, e nessa avaliação eles fizeram mais “de qualquer jeito”. Falei pra eles isso, que no geral, o 1º bimestre tinha sido melhor, que pude perceber maior dedicação deles. P. concordou comigo. Falamos também de cada grupo, onde cada um acertou e onde errou, fosse no texto, no figurino, nas falas, no orador. Eles concordaram conosco e salvo um aluno ou dois, não tentaram arrumar nenhuma desculpa, o que eu achei muito maduro da parte deles. Enfim, não fechei notas com o P. pois creio que não me cabia fazer isso, mas participei da avaliação com um todo.

Bibliografia:

BERTHOLD, Margot : História Mundial do Teatro.

ROSENFELD, Anatol: Aulas de Anatol Rosenfeld: A Arte do Teatro

SPOLIN, Viola: Jogos Teatrais na Sala de Aula.

Relato: O Teatro

O Espetáculo Mulheres Nascidas de Um Nome

Em julho de 2019 eu estava em Mobilidade Acadêmica na UNIRIO e morando em Copacabana. Era perto da faculdade, a maioria das vezes ia a pé ou de bicicleta. Atravessava o Túnel do Leme, mais conhecido como Túnel do RioSul, passava por dentro do Shopping RioSul e chegava na rua Lauro Müller, que um lado da rua é formado pela cerca viva da UFRJ, e do outro lado são prédios residenciais. Passava sempre admirando e percebendo a cada nova olhada um novo detalhe do enorme Mural Grafite da Ciência, e logo em seguida chegava na enorme Avenida Pasteur e seguia até a UNIRIO. O prédio do curso de Teatro tinha vista para o Pão de Açúcar e o campus todo dividia espaço com a natureza. Foi fazendo esse trajeto diariamente que eu passei o primeiro um ano e meio no Rio de Janeiro. Foi no meio dessas idas, vindas e permanências na Universidade que encontrei no site do Centro de Artes de Laranjeiras, a CAL, o curso de montagem da peça “Mulheres Nascidas de Um Nome”, sob a direção de Cláudio Torres Gonzaga. Eu estava desde dezembro de 2017 sem apresentar uma peça, sentia saudades do palco, de ensaiar, de ir pra cena, do contato com o público e com os colegas de trabalho. Do frio na barriga. Assim, me matriculei no curso com início em julho e apresentação em outubro.

No dia 23 de julho tivemos nosso primeiro encontro na CAL do bairro Glória, em torno de 25 atrizes e o diretor. Durante pouco mais de dois meses eu fazia esse trajeto de Copacabana para a Glória em horário de pico, passava pela Praia de Botafogo que tem a vista mais bonita do Rio de Janeiro: a baía de Guanabara e o Pão de Açúcar. Até chegar no bairro da Glória nunca demorava muito. Glória é um bairro que contempla aquele velho estereótipo carioca que temos com os barzinhos, o samba que ouvimos em cada canto, os cariocas sempre à vontade pelas ruas. Um bairro real, sem a glamourização dos bairros praianos da zona sul. Chegando

na CAL, encontrei muitas mulheres sentadas aguardando o início do encontro -mais do que o número que de fato apresentou a peça-. Em instantes começamos.

Nos apresentamos e já recebemos o livro de crônicas que daria origem à peça: *Mulheres Nascidas de Um Nome*, de Cláudio Hochman, autor argentino radicado em Portugal. O diretor nos contou que assistiu à peça em Portugal com um grande elenco de mulheres, conversou com o autor e conseguiu os direitos da obra e lá estávamos nós. Cada crônica tinha como título um nome de mulher, cada uma contando uma estória em prosa, quase como um Realismo Fantástico. Lemos algumas Mulheres ali, em grupo, e passamos as três semanas seguintes fazendo Jogos Teatrais. Algumas de nós nunca tinham tido contato com o Teatro, e outras já tinham vinte anos de experiência, éramos as mais diversas, com meninas de 18 anos até mulheres de 60 anos, algumas moravam perto, na zona sul mesmo, outras na zona norte e oeste, algumas vinham de Niterói e outras, assim como eu, de outros estados do Brasil. Algumas mais tímidas, outras mais falantes, mas todas com vontade de trabalhar aquele texto que era tão forte.

Fizemos tudo de forma muito prática, escolhemos a crônica que cada uma iria trabalhar, cada mulher escolheu um nome. Eu escolhi a Martina, que falava sobre liberdade. As cenas deviam ser curtas, em torno de 3 minutos, então praticamente todas as crônicas foram cortadas e adaptadas para caberem nesse tempo. O texto da Martina eu adaptei e finalizei como em anexo. O diretor queria muito usar as nossas habilidades, então tínhamos cenas com canto, com dança, com perna de pau, e a minha, com o tecido acrobático.



(Cena da personagem Martina, no espetáculo Mulheres Nascidas de Um Nome, sob direção de Cláudio Torres Gonzaga, no Teatro PetroRio das Artes, novembro de 2019).

Foto: Chico Lima.

Fazia muito tempo que eu não praticava acrobacias aéreas, então tive que lembrar o que eu já sabia fazer. Não havia tempo para aprender e fazer de forma impecável novas figuras, então eu tinha de treinar para fazer as formas com leveza e calma. Escolhi poucas imagens, apenas o Pássaro e o início de uma chave de cintura. O tecido se encaixava perfeitamente no texto, dava o ritmo e as nuances. Minha Martina voava.

Cada uma de nós escolheu uma cor para o figurino, então formávamos um grande arco-íris de mulheres, todas de pés descalços e com todos os tipos de roupas, calças, saias, vestido, curtos

e longos. A minha cor era o vermelho, além de ser uma cor forte, também era a cor do meu tecido, então tentei ficar o mais unificada possível com a minha cena. Nosso cenário era formado por cadeiras, uma para cada mulher, que permanecia sentada até o momento da sua cena, ou quando em alguma outra cena se fazia necessário -como no labirinto de Ariana ou no casamento de Isabel-. Tínhamos algumas músicas na peça, algumas cantadas por uma, duas ou três colegas, e a música final, cantada por todas nós, que não poderia ser outra que não “Maria Maria”, de Milton Nascimento:

Mas é preciso ter força
 É preciso ter raça
 É preciso ter gana sempre
 Quem traz no corpo a marca
 Maria, Maria
 Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha
 É preciso ter graça
 É preciso ter sonho sempre
 Quem traz na pele essa marca
 Possui a estranha mania
 De ter fé na vida

Como em todo grande grupo, tivemos alguns atritos e desavenças. Alguns que nos afetam ainda hoje, um ano e meio após a primeira apresentação. Mas na mesma intensidade também criamos amizades e laços de afeto que também nos acompanham até hoje. Os momentos no camarim eram sempre os melhores, como creio que em todo espetáculo. Ríamos, cantávamos, aquecíamos voz e corpo, conversávamos sobre o dia anterior, falávamos do público que tinha sido ótimo ou péssimo, que tal cena tinha sido melhor ou pior, sobre os “cacos” e improvisos, tudo isso enquanto nos maquiávamos e aguardávamos chegar o momento de entrar no palco e com ele o frio na barriga de sempre.

Estreamos dia 14 de setembro no Teatro Sérgio Britto, na CAL da Glória. É um teatro com o palco italiano, com o pé direito bem alto e as paredes de pedra, ao fundo do palco tem a saída para a rua. Não tínhamos coxia, estávamos sempre em cena -o que muitas vezes era difícil-, quando o público entrou já estávamos todas nas nossas posições. Eu convidei uma amiga e o namorado para assistirem, pedi para que meu próprio namorado não fosse na estreia com medo de me deixar mais nervosa, afinal, seria a primeira vez que ele me veria em cena. A

entrada era gratuita, mas passávamos o chapéu ao final, o que nos rendeu uma quantia suficiente para pagar o técnico de luz.

Foi um tanto estranho a estreia, porque pela primeira vez eu não tinha nenhum familiar na plateia, tinha poucas pessoas para abraçar no final, enquanto minhas colegas, maioria do Rio, ficaram ainda um tempo conversando e recebendo os devidos parabéns ao sairmos do palco. Mas ao mesmo tempo que sentia a estranheza do momento, estava tudo bem também. Era uma escolha minha.

Depois da estreia apresentamos ainda todos os sábados e domingos seguintes, até o dia 6 de outubro. Eu nunca tinha apresentado uma temporada tão longa com tantas apresentações, então estive muito próxima da realidade que eu almejo: viver o Teatro. Passamos a conviver mais umas com as outras, nos falávamos muito, saíamos juntas, brigamos algumas vezes, nos defendemos outras tantas, nos ajudávamos e nos entendíamos.



(Elenco da peça Mulheres Nascidas de Um Nome ao final de apresentação no Teatro PetroRio das Artes, novembro de 2019. Da esquerda para a direita acima: Bianca Tocafundo, Marina Wilson, Marianne de Oliveira, Karen Guimarães, Michele Raja, Tainá Baldez, Paula Lör, Karine Dalsin. Da esquerda para a direita, no centro e abaixo: Sorys Vellozo, Nicole Azalim, Camila Döring, Tatiane Proba, Isabel Corrêa, o diretor Cláudio Torres Gonzaga, a autora,

Carol Genro, Paula Alecrim, Juliana Resende, Fátima Vidinha e Luísa Felício.) Foto: produção

Nesses dias que apresentamos, maioria das vezes tinha algum rosto conhecido na platéia, pessoas que cruzei pelo Rio de Janeiro: colegas de quarto da minha primeira morada no Rio, uma república em Botafogo composta por 14 mulheres; alguns conhecidos da Unirio; outros amigos que fiz por meio do meu companheiro, que a propósito, foi em todos os finais de semana, sempre levando consigo um parente ou amigo. Apresentamos para mais de 400 pessoas, alguns dias de teatro absurdamente lotado; com pessoas sentadas inclusive nas escadas laterais ou aos pés da primeira fila, outros dias de teatro vazio, com o número do elenco maior que o de público. Dessas delícias e tristezas de se fazer Teatro que todo artista, dos que estão no início de carreira aos que já tem uma carreira sólida passam: a eterna dúvida do “quanto terá de público hoje?”. Finalizamos a temporada em outubro cheias de vontade de continuar, e assim foi.

O diretor, Cláudio, conseguiu por meio de contatos, a pauta no Teatro PetroRio das Artes (antigo Teatro das Artes), dentro do Shopping da Gávea. Esse teatro era mais longe para mim, geograficamente, do que o que apresentamos a primeira temporada, na Glória. A Gávea é um bairro com o acesso um pouco mais precário, não tem metrô por perto, e o trânsito da Rua Jardim Botânico torna o tempo de trajeto interminável. Me lembrava um pouco Porto Alegre, não sei exatamente o porquê, talvez seja como o bairro se comporta, talvez seja alguma memória do trânsito que eu também enfrentava na capital gaúcha e que nas minhas andanças pelo Rio, apesar de enorme e com ritmo frenético, eu não estava habituada a pegar. Mas apesar do trânsito, do transporte público carioca, que não tem uma grande oferta de carros nem de horários e os ônibus são completamente sucateados, era lindo passar ao lado da Floresta da Tijuca, pelo Jardim Botânico e pelo Parque Laje, onde está o famoso palacete que data do Brasil Império e tem vista para o Cristo Redentor. Um lado do Rio de Janeiro diferente daquele que vemos nas propagandas na TV, com as praias, o mar, todos com roupa de banho. Um Rio de Janeiro que pertence mais aos moradores do que aos turistas.



(Material de divulgação para o Instagram da segunda temporada da peça “Mulheres Nascidas de Um Nome”, no Teatro PetroRio das Artes, novembro de 2019)

Fariamos então uma temporada de um mês, todas as sextas e sábados de novembro. Dessa vez, o ingresso seria cobrado, então nosso trabalho de divulgação deveria ser muito mais intenso. Imprimimos flyers e panfleteávamos nos lugares em que frequentávamos, pagamos uma profissional para divulgar esse material no Shopping da Gávea, alimentávamos muito o Instagram, convidamos e re-convidamos pessoas, mas com o ingresso por 60 reais (inteiro) era difícil lotar um teatro de 400 lugares. Então dávamos desconto, fazíamos lista amiga mas o teatro não enchia. Tínhamos patrocínio de uma famosa cafeteria, ao final do espetáculo sorteávamos um brinde no café; fizemos uma parceria com a peça que acontecia logo após a nossa no mesmo teatro e assim os dois ingressos tinham um valor menor. Mas nem assim. Tivemos algumas apresentações em que ao final o diretor nos olhava com aquele olhar de preocupação, tanto que nos falou ao final de um péssimo dia de público, que a dona do teatro não estava contente com a nossa bilheteria, que estava a ponto de cancelar a temporada. E por um dia ou outro o número de público melhorava, mas logo em seguida caía novamente.

Foi aí que eu vi que fazer Teatro é difícil, não pelo fazer do ator; que por si só já é difícil, não o Teatro como Arte e Expressão, mas sim como profissão. Como se pode viver de público quando vivemos em um país que o próprio Estado não dá o incentivo necessário? Tanto para se formarem os artistas quanto para que o público tenha acesso. O Teatro no Rio de Janeiro também sofre da “glamourização” que sofre o resto da cidade, eu cresci vendo na televisão grandes artistas, com carreiras prósperas, apresentando peças de Teatro que não chegavam em Porto Alegre, o encantamento que só acompanhava pela internet, pelas notícias. O Rio de Janeiro, tão grande e cheio de oportunidades, eu, ingênua que era quando cheguei na cidade, não esperava tão grandes dificuldades. Quando, em uma noite em que o Teatro não lotou isso tudo ficou escancarado pra mim, toda a expectativa que eu vinha criando a dois anos e meio ia se esvaindo a cada vez que a cortina abria e dávamos de frente para o público.

Lendo assim parece que a peça foi um fracasso. Mas não foi, tivemos apresentações incríveis, com um público muito responsivo, em que as palmas não tinham fim. Foi um projeto que cruzou comigo no momento em que eu me sentia um tanto deslocada. Apesar do Rio de Janeiro como cidade fazer com que eu me sinta pertencente, eu não tinha o “meu grupo”, não tinha criado relações de amizades um pouco mais profundas com ninguém. E o “Mulheres” -abreviação que usávamos- me deu isso, um lugar de pertencimento.

Texto da personagem Martina:

“Martina quer ser um pássaro. Martina fez uma tatuagem de um bando de pássaros nas costas, todas as manhãs vê-se ao espelho para saber se estão todos lá, tem medo que voem. Martina tem uma gaiola com pássaros, cada vez que os vê pensa em soltá-los, mas disseram-lhe que esses pássaros só sobrevivem se estiverem em gaiolas. Martina tem uma dúvida permanente. Martina tem uma voz verde vibrante que irrita. Martina voa planante. Martina é uma ave de rapina. Martina come muito quando se sente magra e pouco quando se sente gorda. Martina tem patas de flamingo. Às segundas-feiras crescem plumas em todo o corpo da Martina mas às quartas-feiras as plumas já caíram todas. Martina combina encontros aos quais nunca vai. Martina gosta de deixar as pessoas à espera. Martina gosta de deixar as pessoas penduradas. Martina gosta de deixar as pessoas boquiabertas. Martina tem um canário na varanda, numa noite de tempestade o vento fez tombar a gaiola e o canário foge. Martina nunca mais consegue dormir. Martina tem pássaros na cabeça, Martina está passada. Martina dá um tiro e

faz voar os miolos, Martina voa rasante. Martina suspensa no alto de uma árvore, ela deixa uma carta onde explica por que é que se matou assim. A Martina é assim. Martina teve um filho que trouxe de Paris. Martina emigra. Martina é um oferecida, mas quando chega o momento ela se faz de rogada. Martina está na praia e conversa com uma gaivota. Martina olha as gaivotas e não imagina que na Galiza elas são uma praga. Martina é uma galinha, fica sempre em segundo lugar. Martina compra um ultraleve. Martina admira o Leonardo DaVinci. Martina quer ser piloto de avião mas diz que não vai ser enquanto não mudarem a palavra e as mulheres chamem pilotas e não pilotos. Martina dá cabo da cabeça de uma pessoa. Martina arrasta-se até a geladeira, Martina cabisbaixa, Martina curva-se, Martina masturba-se, Martina toca tuba, a Martina quer tudo. Martina está entusiasmada com uma visita que vai receber, toma banho, escolhe seu melhor vestido, seu melhor perfume, mas no último momento a visita avisa que não vai mais e a Martina está cansada que lhe digam que não. Martina tem medo da mãe, ela tem os dentes amarelos de tanto fumar. Martina é a rainha dos pássaros, Martina é uma passarona. Martina está disposta a tudo, ela toca os céus com as mãos, ela toca violoncelo e se sente no céu. Martina não lê as partituras, a música entra-se por ela adentro e ela não precisa ler. Martina entrega-se completamente e geralmente fica sozinha na sua entrega, ela sempre entrega-se um pouco a mais do que os outros. Martina atravessa a fronteira porque o aborto no seu país é ilegal. Ela não tem dinheiro para atravessar a fronteira, faz um aborto ilegal e morre de hemorragia. Martina não aprende com os erros dos outros, Martina não tem tempo de aprender.

Pós- relato: A Pandemia

Eu havia acabado de voltar de Brasília, tínhamos ido, minha irmã e eu -ela partindo de Santa Catarina- nos encontrarmos com nossa família paterna no sítio dentro do Planalto Central, o mesmo que vamos desde que nascemos. O lugar de terra vermelha, com pés de jaca e manga por todos os lados, de clima seco e onde tudo é distante. Brasília é das cidades que mais fui visitar, desde pequena indo passar férias de um mês e aos oito anos viajei sozinha pela primeira vez, saía dos cuidados da minha mãe para ficar aos cuidados da minha madrinha. Como toda boa casa de vó, era sempre muito divertido passar esse tempo lá, brincando o dia inteiro, subia em árvores, comia os vegetais que saíam da própria plantação,

banhos e banhos de mangueira e na pequena piscina de plástico, a sauna e todos os animais. Cada uma dessas memórias como se fossem fotografias.

A primeira vez que vi uma reportagem sobre o Coronavírus, eu ainda estava em Brasília, não se tinham ainda muitas informações sobre a gripe, mas o que se sabia é que os maiores atingidos eram os idosos -hoje bem se sabe que essa doença acomete a todos, independente de idade, cor e gênero e classe social-. Eu voltei de Brasília para o Rio no dia 10 de março, fiquei alguns dias organizando a casa que eu morava havia dois meses, na Rua Paissandú, com Palmeiras Imperiais fazendo sombra na calçada que leva em direção ao Palácio da Guanabara, onde reside o governador do Estado. Não foram poucas vezes que ouvimos helicópteros e luzes pelas redondezas. Não tem quem caminhe pela Paissandú e não fique encantado com ela e toda sua imponência. Na semana seguinte ao meu retorno eu tinha uma entrevista de emprego marcada e também um *video book* que eu iria fazer.



(Cristina, mãe da autora, a autora e seu avô, Clodoídes, na varanda da casa em Brasília.)

Dia 14 de março foi o último dia que fui à praia. Era sábado e o dia estava lindo, muito sol, muito calor. Lembro que enviei uma mensagem para um amigo perguntando o que ele estava

fazendo, ele me respondeu “no Leme e tu?”, no que eu respondi “tô indo aí então, qual barraca?”, “28”, ele me respondeu, seguida de uma foto do céu nublado. Achei estranho, porque no meu bairro o céu estava lindo. Eu disse que iria igual. Já eram três horas da tarde. Me arrumei muito rápido, saí do meu apartamento na e caminhei em direção ao Palácio da Guanabara, na rua Pinheiro Machado, onde sempre pego o ônibus no sentido zona sul. É uma viagem muito rápida, mas neste dia o motorista tomou o caminho errado. Ao invés de entrar na Rua Marquês de Olinda em direção à Praia de Botafogo, ele seguiu reto. Eu só percebi quando uma passageira gritou lá da porta traseira “piloto, errou a rua”, e ele, gritando lá da frente do ônibus o pedido de desculpas aos passageiros que já esperavam em pé na porta e pediam para parar ali mesmo, no meio da rua. Tem coisas que só acontecem no Rio de Janeiro. Cheguei na praia daquele jeito que sempre chegamos nas praias aqui no Rio: sedenta por um mergulho no mar.

Depois desse fim de semana, tudo ficou diferente, o clima na cidade, as pessoas, os assuntos, via algumas pessoas usando máscara na rua, outras não -meu caso-, as notícias que saíam nos jornais e nas redes sociais confundiam a todos. A China já contava com mais de oitenta mil contaminados e no Brasil o presidente dizia que era uma “gripezinha”. As conversas em grupos de mensagens giravam em torno do mesmo assunto, eu, minha irmã e minha mãe confabulávamos sobre a gravidade da situação, pois as notícias chegavam rápido, algum fato acontecia pela manhã e pela tarde tudo já mudava. Na terça-feira, dia 17 de março eu amanheci lendo a seguinte mensagem da minha irmã, que estava com viagem reservada para o Rio de Janeiro: “Bom dia, tivemos a nossa hospedagem no Airbnb cancelada”, e assim se seguiu uma conversa sobre reembolsos de hospedagem e remarcações de passagem, novelas que tinham sido canceladas e quais seriam reprisadas, sobre um médico que havia falado no jornal, sobre o que fecharia e ficaria aberto, sobre os horários de funcionamento dos mercados... Como creio que deve ter sido em qualquer grupo de mensagem.

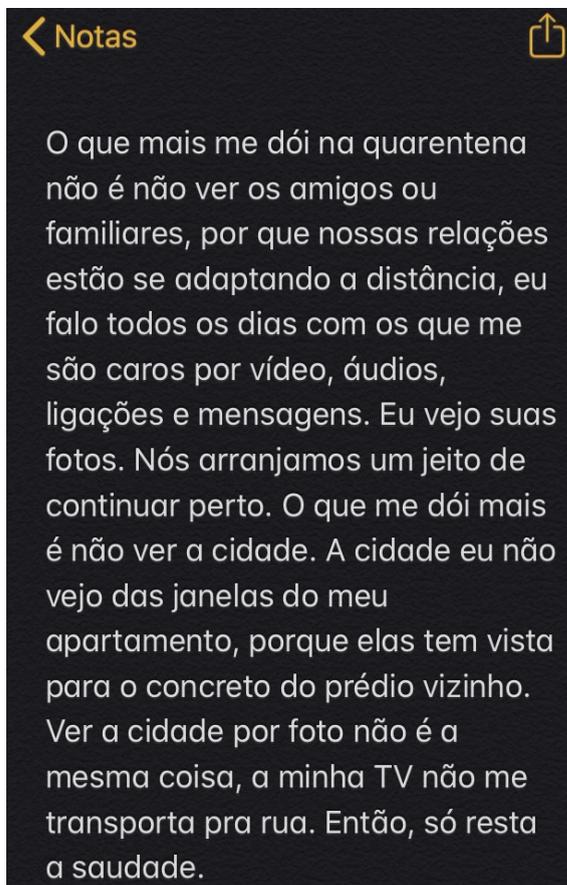
Nessa mesma semana um casal de amigos nos convidou, a mim e ao meu companheiro, para irmos passar uns dias na serra na casa deles, era uma forma de ficarmos em quarentena, apesar de juntos. Eu, na época, lembro de ser bem relutante à ideia, mas cedi e fomos para o Balneário do Sana. Um bairro de Casimiro de Abreu, cidade da serra fluminense, com muitas trilhas e cachoeiras. Depois de avisar a família -que foi tão relutante à ida quanto eu fui no início-, partimos para a serra. Ficamos cinco dias no Sana, sem sinal de celular ou televisão, sem contato com ninguém e não saindo de casa. Um de nós tinha o celular que tinha o

mínimo de sinal para ler as manchetes do dia, que fazíamos juntos: no dia 22 de março eram 25 casos no Brasil; no dia 24 eram 46 e no dia 27, dia que voltamos do Sana eram 93 mortes. Os números subiram drasticamente em questão de dias. Na nossa volta à capital, as ruas estavam vazias, a pandemia estampada na nossa cara. A cidade que recebeu 6,4 milhões de foliões no carnaval de 2020, poucos meses antes de começarmos a quarentena, estava silenciosa.

Foi no nosso retorno que posso dizer que eu -junto com meu companheiro- começamos a quarentena de fato. Foi quando começou a época de arrumações e limpezas, maratonas de séries, o descobrimento de novos pratos culinários. Descobrimos a necessidade que temos em sair de casa, em ver a rua, encontrar os amigos, pegar um sol, caminhar, mas descobrimos também que essas necessidades não são nada quando comparadas à força de propagação e letalidade do novo vírus. Fui apresentada à Yoga Online, que durou pouco mais de três aulas, depois conheci o exercício físico em aulas por aplicativos de celular, mas como nunca fui chegada a exercício físico nem quando vivíamos fora de quarentena, também deixei de lado depois de aproximadamente dez dias. Eu me encontrei nos livros. O hábito que adquiri por influência do meu avô materno, Odacyr, e que havia abandonado há muitos anos. Foi desse meu avô que herdamos (digo no plural, mas a herdeira é minha mãe) a coleção completa de Machado de Assis, Jorge Amado e Érico Veríssimo, era dele que eu e minha irmã ouvíamos ao sair da pequena biblioteca particular “Cadê meu livro?”, se referindo àquele que ainda não tínhamos entregue quando já estávamos pegando outro. A quarentena me voltou aos livros, pois eles eu sei, nunca tinham me abandonado, acordava e lia, passava as tardes no sofá ou na cama, com o leitor de livros digital embaixo do braço, e que me acompanha até hoje, em meio ao trabalho e a vida diária.

Ficamos em casa, meu companheiro -que estava trabalhando no formato de *home office*-, eu e nosso gato, Otelo Augusto. E assim comemoramos aniversários, dia das mães, assistimos alguns shows online, eu fiz vídeo chamada de horas com antigos colegas da escola, fiz compras pela internet, discutimos muito e na mesma intensidade fizemos as pazes. A pandemia nos deixou todos à flor da pele -e ainda deixa-. Ficamos meses sem encontrar com familiares que moram na mesma cidade, de alguns nos afastamos, de outros nos aproximamos, nos cuidávamos a distância. No dia dos namorados, em junho, eu e Salomão dançamos um jazz juntos no meio da sala, sob os olhares do gato, nossa mais fiel companhia nos dias preguiçosos de pandemia. Descobrimos que entre onze horas e meio dia o sol invade

nosso quarto, era a nossa hora- de nós três- da vitamina D. As idas ao mercado se tornaram o único motivo para sair de casa, e foi em um desses retornos que eu dei a ideia de passarmos pela Lapa, só para ver os Arcos e sentir o que é o Rio de Janeiro.



Nota escrita pela autora no dia 24 de julho de 2020.

No meio do ano passamos a ver boatos na internet de que tudo reabriria, comércio, restaurantes, praças. De que a vida começaria a voltar ao normal - não que o número de mortos e contaminados estivesse de fato melhorando-. Em junho me apareceu a necessidade de fazer uma pequena cirurgia. Eu precisaria voltar para Porto Alegre, por conta do valor da operação, e também, claro, para ficar sob os mimos e cuidados da minha mãe, que eu não encontrava desde janeiro. Logo que comprei a passagem, recebi um e-mail de uma oportunidade de emprego que eu nem lembrava quando havia tentando -provavelmente pouco antes de começar a pandemia-, me chamando para uma entrevista online. Aceitei, fiz a entrevista, fui contratada com o aviso que só estaria disponível em julho, quando voltasse de Porto Alegre. A empresa aceitou.

Ir para Porto Alegre foi como recarregar as energias, fiquei uma semana em pós operatório, dos quinze dias que ficaria. Infelizmente, não pude encontrar amigos que sempre fico de encontrar quando vou ao sul. Fiquei o tempo todo em casa, aproveitando o frio, que eu sinto tanta falta durante o ano no eterno verão carioca.. Estar na casa que crescemos nos traz de volta a um lugar seguro, onde sabemos que independente do que acontecer, aquele lugar sempre vai estar ali. Eu sinto isso com Porto Alegre, é o meu lugar de segurança, é onde eu tenho pra voltar, Porto Alegre sempre vai me aceitar, independente de quanto tempo eu estiver longe, como uma mãe.

[...] “Quando eu for, um dia desses,
 Poeira ou folha levada
 No vento da madrugada,
 Serei um pouco do nada
 Invisível, delicioso
 Que faz com que o teu ar
 Pareça mais um olhar
 Suave mistério amoroso,
 Cidade de meu andar
 (Deste já tão longo andar!)
 E talvez de meu repouso...”

(O Mapa, Mário Quintana)

Quando voltei ao Rio o comportamento da cidade era outro. Aquele silêncio e vazio já não existia mais, as ruas estavam cheias, o comércio já abrindo em horário reduzido, os restaurantes e bares com capacidade reduzida. Apesar de todas as brandas restrições, a vida voltava ao normal mais rápido do que eu imaginava. Comecei o novo emprego logo que voltei, com receio de estar tão exposta e ao mesmo tempo precisando trabalhar, dei então início à uma rotina, depois de meses sem um compromisso diário.

O Botafogo Praia Shopping, o shopping onde está a loja em que eu trabalho, tem a vista mais privilegiada do Rio de Janeiro: a Baía de Guanabara e o Pão de Açúcar. Todo dia eu faço o mesmo trajeto, pego um transporte público que me deixa na rua lateral, de frente para o Cristo. O Rio de Janeiro é uma cidade onde -pode ser absolutamente clichê- é impossível ficar triste por muito tempo, pois só ao andar pela cidade os olhos já sorriem pela beleza e encantamento.

O trabalho no comércio tem uma rotatividade muito alta de funcionários, alguns entram apenas para fazer um extra e algumas outras pessoas, como eu, entram por um período determinado. Desde que comecei no emprego eu nunca escondi de ninguém, gerente, supervisora, colegas de loja, que eu estava nesse trabalho temporariamente, que eu sou atriz e me formarei professora de Teatro. Já tive intensas crises de ódio ao trabalho, é extenuante ficar em pé por seis ou oito horas, mas preciso reconhecer todos os privilégios que andam comigo: eu moro a três minutos do trabalho, passo o dia no conforto do ar condicionado, faço meu intervalo e vou embora no meu horário. No Rio de Janeiro, uma cidade enorme em que a população pode chegar a passar mais de uma, duas horas no transporte público, qualquer encurtamento de trajeto é um ganho; o calor, de fato chega a quarenta graus, mas morando pela zona sul, a sensação térmica não é tão quente quanto de quem mora pela zona norte, longe da brisa do mar.

Dia 8 de abril fez nove meses que estou no meu emprego, e -de novo meus privilégios- é o contrato mais longo que já tive assinado na carteira de trabalho. Como na maioria das minhas experiências -para não dizer todas- na capital fluminense, eu trabalho exclusivamente com mulheres. Morei entre quatorze mulheres e apresentei um espetáculo com um elenco de mais de vinte mulheres, como já dito, e agora trabalho entre cinco ou seis mulheres (número que muda por conta da rotatividade já citada). Não posso dizer que nenhuma das experiências tenha sido fácil, às vezes somos como irmãs mas também já nos faltou sororidade em certos momentos: somos acima de tudo mulheres em formação. As relações que temos perpassam por choros e brigas, suportes e competições, mas criamos laços já tão profundos por conta da convivência diária que nunca nos faltou verdade.

A quarentena mudou a forma de todos enxergar o mundo, a vida, o próximo; mudou nossa forma de pensar e agir, apesar do caos que se instaurou no país por conta do Coronavírus, tivemos tempo para olhar em volta e para si. Larrosa (2002) falou sobre a experiência de uma forma que não se encaixava nos tempos da escrita, mas que nos dias que estamos vivendo cabe trazer esse trecho para dentro de casa:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos

outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Em meio a tantas vidas perdidas, famílias destruídas e profissionais esgotados, em que o governo segue fazendo um desserviço para a população e para a ciência, perceber nossos pequenos gestos e momentos de felicidade é uma vitória. A cada novo avanço com a vacinação é um sorriso que se abre em um brasileiro, é uma vida salva e uma esperança renovada. Esperança de voltarmos à vida normal, de poder encontrar sem medo as pessoas que nos são queridas, de frequentar os lugares que nos fazem felizes sem o pavor da contaminação, é a expectativa de que, num futuro não tão distante quanto já foi, possamos sair de casa sem máscara e olharmos uns aos outros sem receio.

Aqui chego ao fim dessa escrita, depois de horas e horas, semanas e meses, buscas em conversas, fotos e memórias. Grata por tu teres chegado aqui, espero que tenhas conseguido imaginar o que te contei. A viagem continua!

Com carinho,
Carol

Referências

- VALENÇA, Alceu. **Coração Bobo** - 1980. Disponível em: <https://youtu.be/U2iGXPtbk9o>
- KOENIG, John. **The Dictionary of Obscure Sorrows** [online], Hungria: 2015. Disponível em: <https://www.dictionaryofobscuresorrows.com/search/exulansis>. Acesso em 07/07/2020
- ABREU, Caio Fernando. **Luz e Sombra**. Morangos Mofados. Brasil: Agir, 1982. p. 65- 71.
- RIO, João do. **A Alma Encantadora das Ruas**. Brasil. Domínio Público. 1908.
- CARREIRA, André. (2018). **Teatro de rua como ocupação da cidade: criando comunidades transitórias**. *Urdimento - Revista De Estudos Em Artes Cênicas*, 2(13), 011-021. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/1414573102132009011>
- SILVA, Sonia Ambrozino da. (2013). **População em Situação de Rua no Rio de Janeiro: novos tempos, velhos métodos**. *Psicologia Política*, 13(27), 337-350.
- RIBEIRO, João Ubaldo. **A Casa dos Budas Ditosos**. Brasil: Editora Objetiva, 1999.
- PORTUGAL. Ministério da Educação e Ciência: **Projeto Educativo Escola da Ponte**. Disponível em: https://static.fecam.net.br/uploads/1529/arquivos/1292888_projeto_da_escola_da_ponte.pdf. Acesso em: 08/04/2021.
- QUANDO SINTO QUE JÁ SEI, Antônio Sagrado, Raul Perez e Anderson Lima. Brasil. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HX6P6P3x1Qg>
- NASCIMENTO, Milton. **Maria, Maria** - 1978. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IEIS9cxpImA>
- HOCHMAN, Claudio. “Martina”, in: *Mulheres Nascidas de Um Nome*. Lisboa: LX Vinte e Oito, 2019. p. 109-112.

QUINTANA, Mario. Mario Quintana. Organizado por Tania Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28. Disponível em:<http://www2.unirio.br/unirio/cla/ppgcla/ppgeac/processos-seletivos-discentes/2014/bibliografia-arquivos-para-download/bondia-larrosa.-notas-sobre-a-experiencia-e-o-saber-da-experiencia/view>. Acesso em 03/03/2021